

O INIMIGO

DO REI

SALVADOR • BAHIA • EDIÇÃO BIMENSAL • Nº 5 • ANO 3 • ABRIL & MAIO DE 1979 — Cr\$ 10,00

ENFIM UM JORNAL ANTIMONARQUISTA.

VIVA A GREVE

PÁGINA 6 e 7

O pacote
da UNE

PÁGINA 9

“FILHO
BICHA
EU
MATO”

PÁGINA 14

AUTOGESTÃO - III
PÁGINAS 17 e 18



Ubaldo: a noção
de esquerda
perdeu o sentido.

PÁGINA 10



Caetano: direita ou
esquerda, aqui,
é meio ridículo.

PÁGINA 11



Gil: o esquerdão
das mãos sujas.
faz o jogo

PÁGINA 12

FEIJÃO MARAVILHA

Os trabalhadores brasileiros festejam, neste ano de 1979, a sua data universal, o 1.º de Maio, após uma das maiores vitórias dos últimos tempos: a grande greve dos metalúrgicos de São Paulo, o fracasso da intervenção governamental no sindicato de Luís Inácio — o Lula e a demonstração inequívoca de que o operariado pode andar com suas próprias pernas (os políticos oficiais só apareceram enquanto a polícia não chegou), livres do dirigismo e do centralismo das pseudo-lideranças das catacumbas e subterrâneos.

Não resta dúvida de que este foi o melhor presente que o Rei poderia receber, por ocasião de sua coroação. Daí suas preocupações com uma suposta abertura que herdou da dinastia gaúcha, hoje aparentemente, recolhida à cidade de Teresópolis. Uma abertura meramente verbal, que ocorre num momento em que o sistema mais se solidifica, com a quadrilha Delfin-Simonsen-Golbery confirmada em palácio, com uma política econômica que sofre arremedos, mas não muda em nada, no substancial. Assim é possível abrir, entre aspas. Afinal, tanto Arena quanto MDB, sabem se comportar e saberão se comportar os novos partidos que os laboratórios palacianos estão a gerar.

E por causa desta abertura, o outro lado do sistema — as patrulhas ideológicas se assanham, põem as mangas do lado de fora, vestem-se, de rubras TFPs e saem de lanças em punho à caça de todos os democratas que ousam pensar diferente. Enfim, perseguem seu objetivo: a substituição da ditadura por outra ditadura, sobre o que consideram o proletariado. Daí a posição de independência dos intelectuais merecer os aplausos de todos os libertários, de todas as minorias, que devem estar alertas para um fato: se hoje esta corja já censura e já difama sem estar no poder propriamente dito, imagine o que farão se chegar até lá!

Igualmente é tempo de congresso estudantil. Eradadamente organizado, segundo os moldes do passado, de cima, para baixo, sem consultas às bases, tudo ao gosto dos líderes de papel crepom. É o feijão maravilha.

A abertura é, assim, ao mesmo tempo, uma proposta de fechamento. Um maquiavélico projeto de oferecer a isca para ver quem come. E as esquerdas oficiais, o tal esquerdão facista está caindo de bobeira neste alcapão. Puseram nas ruas algumas centenas de pessoas no dia 15 de março, demonstrando que participavam e estavam integradas na festa imperial. E com isto futucam o cão com a vara curta, jogam os jovens e o seu potencial contra o inimigo ainda desproporcional. E querem repetir 1968/71. Emilio Garrastazu Médici deveria ser o herói destes contestadores de araque, irmãos gêmeos da direita. Ou, para ser mais direto: "A esquerda brasileira é de direita", como bem o disse Glauber Rocha.

O INIMIGO DO REI

O INIMIGO DO REI é feito pela seguinte equipe, em ordem de sorteio:

Ricardo Líper, Renato Almeida, José Onofre, Adir, Zézinho, Jorge de Sá, Zeferino Marteleiro, Sérgio Guerra, Antônio Carlos Pacheco, José Liberatti, Aurélio Vellame, Vítor Mendonça, Alexandre Ferraz, Átalo Augusto, Kátia Regina Borges, Antônio Fernandes Mendes, Edgar Rodrigues, Cláudio Miranda, Júlio e Artur de Piero Gouveia.

Correspondente para a Europa: Sebastião Santa Rosa.

N.º 5. Publicação bimensal da Editora A — Livros, Jornais e Revistas Ltda. Preço do exemplar avulso: Cr\$ 10,00. Assinatura anual de colaboração: Cr\$ 100,00. Exterior: US\$ 7,00. Correspondência: Caixa Postal 2540. Salvador, Bahia-Brasil — CEP 40.000

AOS ASSINANTES:

1. Não chegando qualquer dos números do jornal, favor avisar-nos para que possamos providenciar.
2. Comunicar-nos qualquer mudança de endereço.

Composto e impresso na Gráfica Editora Jornal do Commercio — Rua do Livramento, 189, — Tel. 243-7671, Rio de Janeiro.

Opinião da Imprensa

Trifonov, um poeta na Sibéria

Gennady Trifonov, jovem poeta de Leningrado, cumpre atualmente pena de quatro anos num campo de trabalhos forçados da União Soviética, na região norte dos Montes Urais. Sua condenação ocorreu num julgamento não aberto ao público, em novembro de 1976. Nessa época, nem sua mãe nem seus amigos conseguiram descobrir com exatidão as acusações que pesavam sobre ele. Afinal, qual teria sido seu crime? Este: Trifonov tinha divulgado, em lugares privados, uma série de poemas magistrais cantando seu amor por um outro homem.

Depois que o caso foi noticiado por várias publicações gueis do Ocidente, a revista soviética *Ogoniok*, de grande circulação, acabou dando a versão oficial do que teria acontecido com o poeta. Num caustico artigo sobre Theodore Voort, um estudante holandês expulso da União Soviética por colher informações sobre o movimento dos dissidentes, mencionava-se pela primeira vez o nome de Gennady Trifonov. Ele teria se encontrado com o holandês, sem no entanto participar de atividades de espionagem; e, posteriormente, teria sido condenado por servir bebida alcoólica a um menor, por roubar, por provocar desordem e "por violar ainda um outro artigo do código penal, aquele que está diretamente relacionado com seus miseráveis versos de poetas homossexuais." (A. Kostrov, "A segunda face de Theodore Voort" *Ogoniok*, julho 1977).

O próprio articulista admite que o poeta Trifonov mal conhecia Theodore Voort e não teria lhe passado qualquer informação. Entretanto, quando se trata de uma pessoa considerada dissidente, a imprensa soviética usa uma tática muito conhecida: atribui crimes por associação e acumula acusações forjadas, a partir de delitos insignificantes. A novidade no artigo da revista *Ogoniok* era a presença do tópico "homossexualidade", até então nunca mencionado. Entre 1977 e 1978, o mesmo tema voltou a ser abordado várias vezes pela imprensa soviética, sempre num contexto que equiparava a homossexualidade ao crime (ou loucura) e a atividades anti-soviéticas.

Entre outros, houve um artigo publicado na *Sovt-sky Sport* denunciando o halterofilismo como uma prática que se supunha levar tanto ao homossexualismo quanto ao crime.

Na *Gazeta Literária*, por sua vez, apareceu o relato do protesto público que um italiano, Angelo Pezzano, realizou no dia 15 de novembro de 1977, em Moscou, a favor dos direitos dos homossexuais. O artigo referia-se a Pezzano como um emissário da Bienal dos Dissidentes, que na época estava para ser inaugurada, em Veneza; além disso o artigo deixava implícito que essa Bienal era organizada por homossexuais e por doídos.

Depois de ler essas matérias, Gennady Trifonov mandou a seus amigos de Leningrado uma veemente "Carta Aberta", para ser entregue à *Gazeta Literária* — onde, evidentemente, jamais foi publicada. Nessa carta, Trifonov protestava contra a tendência da imprensa soviética em difamar os homossexuais, e incluía informações documentadas sobre o tratamento brutal e desumano que tanto a administração quanto os demais prisioneiros dispensavam aos homossexuais, nos vários campos de trabalhos forçados que ele conheceu no cumprimento da sentença. Dizia também que a atitude das autoridades locais e a alimentação tinham melhorado, depois que seu caso se tornara conhecido no Ocidente.

Os amigos de Trifonov temem que ele não consiga sobreviver aos quatro anos de duro regime, nos campos de trabalhos forçados. Um deles enviou para fora do país uma carta em verso, que Trifonov escreveu em fevereiro de 1978 (ver nesta página). Sua mãe e seus amigos acreditam que a única maneira de ajudá-lo é dando a maior publicidade possível ao caso. Em função disso, vários jornais homossexuais da Europa, Estados Unidos e Canadá concordaram em publicar a presente matéria, além de sugerir que as pessoas enviem cartas de protesto às embaixadas e consulados da União Soviética, à Anistia Internacional e às organizações internacionais de escritores, como o Pen Club. (traduzido da revista *Christopher Street*, por João Silvério Trevisan)

Carta da Prisão

Recebi as cartas onde vocês,
tão gentis, me dizem que sou um poeta,
razão pela qual minha altíssima estrela
não vai se extinguir na escuridão.

Os bosques gelados, dizem vocês,
ficaram já embebidos da minha voz
e, de tão obedientes a estas mãos,
seguem o ritmo dos versos meus.

Vocês dizem também que me foi permitido
cantar, como ninguém, esse amor sem resposta
por aquele que resume nossas necessidades,
aquele que modela, inteiras, nossas vidas

(Transcrito do jornal *Lampião* n.º 11, abril de 79)

tal como os galhos formam um jardim
tal como Deus nos beijaria os lábios
tal como a nevada beija o chão.

Ah! por ele é que eu clamo de noite.
Chamo seu nome, eu pássaro ferido,
a esse que não mais povoa meus sonhos,
sobre quem não mais falam meus versos.

Vocês me ajudam a responder.
E insistem quem não devo desanimar:
"Agente a barra, busque sobreviver."
Tento viver. Mas vida aqui não há.

Jornalistas d'O Inimigo do Rei também são jornaleiros

Aos Colaboradores. A quem quiser escrever para O INIMIGO DO REI:

Nós somos o único jornal autogestionário do Brasil. Isso significa que todas as pessoas que aqui escrevem estão em pé de igualdade e não sofrem censuras de "conselhos editoriais" iluminados.

Entretanto, o critério para escrever para este jornal é assumir e trabalhar braçalmente por ele. Vendê-lo de mão em mão, suportar as exaustivas reuniões etc. Não estamos atrás de níveis nos artigos. Isso é censura da criatividade.

Por outro lado, não estamos dispostos a trabalhar para divulgar textos de pessoas (por mais "geniais" que sejam) sem que elas dêem a sua quota de trabalho. Se assim não fosse, O INIMIGO DO REI não seria um jornal autogestionário. Seríamos um grupo que trabalha e, à sua volta, um grupo "vaidoso" que gosta de ver suas "obras" literárias publicadas e, de maneira burguesa, explora o pessoal autogestionário.

Em resumo: não fazemos distinção entre o trabalho intelectual e braçal. Os jornalistas do INIMIGO DO REI são também jornaleiros.

AVISO À PRAÇA

Do atual presidente do Sindicato dos Jornalistas da Bahia: "O INIMIGO DO REI é um jornal de viados, maconheiros e malucos". Estas palavras eram utilizadas pelo presidente do Sinjorba para hostilizar um ex-componente deste tablôide bimensal, quando o mesmo trabalhava na redação do Jornal da Bahia.

Aviso aos companheiros jornalistas: se qualquer profissional baiano se enquadrar nas três categorias apontadas pelo atual presidente do nosso Sindicato, CUIDADO! Se ele sem ter poder algum já assume essa posição discriminatória e fascistóide, imaginem se ele um dia tiver o poder nas mãos; por certo mandará todo mundo para campos de concentração: homossexuais, maconheiros e malucos.

CHINA X VIETNÃ

Videla e Pinochet devem ter sentido inveja...

Antônio Carlos Pacheco

Quando no dia 17 de fevereiro, as tropas do Exército de Libertação Popular passaram a linha de demarcação sino-vietnamita e invadiram o território do Vietnã, estava mais uma vez aberta a cicatriz da divisão no Mundo Comunista, recentemente sangrada na invasão do Camboja (ex-Kampuchea Democrático) pelas tropas vietnamitas.

O que se dá na invasão chinesa é apenas, e tão somente, uma resposta de Beijing (ex-Pequim) ao Urso Soviético.

Para se entender a invasão do Vietnã pela China é necessário ver o que ocorreu no Camboja. Este país era um dos poucos aliados fiéis ao governo chinês e foi instalado aí quando em 1975 o Khmer Rouge (os cambojanos vermelhos) venceu as tropas do governo títere de Lon Nol, vendido ao imperialismo americano. Os vizinhos do Camboja no entanto seguiam sua luta em direção de um alinhamento com a URSS, o que ocorreu com o Vietnã e finalmente com o Laos, ocupado este último, por 40 mil soldados vietnamitas que se consideram "força auxiliar" do governo de Vietnam.

Os dirigentes vietnamitas sempre alimentaram o sonho de um dia unir toda a Indochina em um único país sob a liderança do Vietnã. Tanto os cambojanos quanto os laosianos, sempre viram este desejo com certa reserva pois temiam ser transformados em colônia de Hanói.

O Laos não teve escolha quando a equipe dirigente pró-soviética assumiu o controle da maior parte do país, destronando a monarquia e afastando os últimos títeres dos EUA. Imediatamente o Vietnã manda uma grande força de soldados para ajudar o novo governo a sufocar a oposição pró-chinesa.

O governo cambojano encontrou uma maneira de evitar esta fusão forçada numa Federação Indochinesa sob a égide dos vietnamitas: aumentou ainda mais sua aliança com Pequim (atual Beijing), no que tanto russos quanto Hanói protestavam e preparavam um revide.

SEM FRONTEIRAS

Conforme se pode ver no mapa, o Camboja não tem fronteiras comuns com a China e foi contando com este dado que o Vietnã passou a arquitetar a derrubada do regime pró-chinês de Phnom Penh. À testa do governo do Camboja es-

tava o pupilo de Pequim, Pol Pot, responsável por várias matanças de milhares e milhares de camponeses que resistiram à "Volta ao Campo" forçada pelo Khmer Rouge. Esta volta fez com que mais de 2/3 da população urbana do Camboja fosse removida à força para as plantações de arroz nas zonas rurais.

A violência do regime de Pol Pot seria outro dado que o Vietnã consideraria no seu intento de dominar o vizinho país. Para a opinião pública mundial ficaria o dado de que o Vietnã salvaria os cambojanos de um regime cruel. Independente do fato de que para este salvamento ser necessário aos vietnamitas usarem crueldade ainda maior.

Havia no entanto duas finalidades: a primeira que não se pode invadir outro país sem mais nem menos, a segunda que era necessário um anteparo diplomático e militar mais forte do que a China. Para o primeiro se montou uma frente de cambojanos exilados, chefiados pelo ex-Khmer Rouge, Heng Samrin, agora aliado do Vietnã. Assim, o Vietnã daria "uma ajuda" a Samrin. Seriam cambojanos enfrentando cambojanos, os vietnamitas estariam "ajudando".

O segundo problema foi resolvido com o apoio soviético, sempre disposto a servir onde fiquem prejudicados os interesses do outro irmão socialista: o Tigre de Papel chinês.

A invasão se dá no dia 25 de dezembro de 1978 e no dia 7 de janeiro Phnom Penh cai nas mãos de Samrin. Isto porque o Vietnã deu uma "ajuda" aos cambojanos exilados de, nada mais nada menos, que 110 mil soldados. Onze divisões, fora os blindados e aviões. Mesmo para os mais cínicos, ficou claro que foi uma invasão militar e não uma ajuda prestada pelos vietnamitas pois, enquanto as tropas de Samrin eram de quatro mil homens, no máximo, a "ajuda" era de 110 mil homens em armas.

AJUDA A POL POT

No dia 17 de fevereiro a China aproveita estes pequenos choques para dar, o que Beijing chamou, "lição" ao Vietnã, num nacionalismo territorialista de fazer inveja aos fascismos da Argentina e do Chile. Pouco menos de 100 mil soldados chineses começam uma pequena incursão através das províncias do norte-vietnamita

(Hoang Lien, Lang Son, Cao Bang etc.). Com esta operação militar a China queria obrigar o Vietnã a retirar suas tropas do Camboja e assim facilitar a resistência do exército remanescente de Pol Pot que até hoje dá trabalho a Heng Samrin. Segundo, queria mostrar que a URSS também não poderia ajudar diretamente o Vietnã assim como ela, China, não pode ajudar ao Camboja. Terceiro, mostrar ao mundo que a política soviética é de isolar diplomaticamente a China, invadindo e derrubando seus aliados.

Nisto tudo os chineses venceram a guerrilha, pois conseguiram mostrar que, efetivamente, a URSS está cercando suas fronteiras com regimes pró-soviéticos que, eventualmente, poderão servir de base para um ataque maciço à China. Basta ver no mapa a situação das fronteiras chinesas atuais.

A guerra também serviu para mostrar o porque da China estar fazendo alianças com os mais reacionários regimes de direita da Terra: como o Chile de Pinochet, por exemplo. O que, em si, não é nada demais em se tratando de socialismo autoritário. Assim como a China se alia a Pinochet, a União Soviética fez um Pacto de Não Agressão com Hitler pouco antes da II Guerra Mundial, o famoso Pacto Nazi-soviético, que a URSS respeitou até o último instante. Foi Hitler quem quebrou a santa aliança.

O Balanço geral, ou os saldos do balanço, da guerra, mostram que, em verdade, não há socialismo nem na China nem no Vietnã nem na URSS tampouco no Camboja. Houvera socialismo em qualquer destes países e eles não mandariam seus operários e camponeses irem morrer contra operários e camponeses de países irmãos.

O que existe é uma burocracia socialista autoritária, violenta e repressiva, que para satisfazer a seus intentos expansionistas, usa a ideologia socialista apenas para camuflar os seus desígnios que são desígnios de classes dominantes como em qualquer país capitalista. E para corroborar esta impressão, vimos que quem mais se esforçou pela paz foi o imperialismo americano. Tio Sam tentando fazer se beijarem o Urso de Moscou e o Dragão de Pequim. Triste fim para os jovens que acreditavam, no III Mundo, que seus ídolos eram socialistas; hoje já não há mais dialética que explique tanto militarismo e tantos operários e camponeses mortos em guerras "fraternais".

Perigo: a China comunista cercada de comunistas inimigos

MONGÓLIA: tem um governo socialista autoritário instalado pela União Soviética depois de algumas disputas com a China. A URSS dispõe de tropas instaladas em seu território.

AFEGANISTÃO: governo socialista autoritário instalado pela URSS através de golpe de Estado em abril de 1978. Apesar da pequena fronteira com a China, nem por isto deixa de ser ameaça. Este país acusa os chineses de fomentarem movimentos muçulmanos rebeldes contra o regime pró-soviético.

PAQUISTÃO: virtual aliado chinês quando do governo do ex-premier Zulfikar Ali Bhutto. Com o enfocamento deste e a tomada do poder pelo líder muçulmano Mohammed Zia Ul-Haq, depreende-se que a China ganhou mais inimigo em potencial.

ÍNDIA: governo neutralista e aproximado do Ocidente mas que possui laços estreitos com a URSS feitos à época do governo da ex-primeira-ministra Indira Gandhi. A Índia tem territórios seus ocupados pela China em 1962, quando da guerra fronteiriça entre os dois países (regiões pontilhadas na Cachemira e perto do Bustão), o que tem impedido um estreitamento de relações. Os indianos consideram a China como rival na Ásia.

NEPAL e BUTÃO: monarquias controladas virtualmente pela Índia.

BIRMÂNIA: regime que se diz socialista não-alinhado. Nos últimos anos



com certa abertura para o Ocidente. Uma minoria chinesa ao norte pretende a secessão e faz com que haja um distanciamento entre a Birmânia e a China. A URSS tem cortejado o governo local sem sucesso, por enquanto.

LAOS: regime alinhado à URSS com governo socialista autoritário imposto pelas armas vietnamitas: 40 mil soldados do Vietnã estacionados dentro do território laosiano.

VIETNÃ: a "Cuba da Ásia" como diz Beijing. Principal aliado russo na Ásia e arqui-inimigo dos chineses, divididos historicamente por questões nacionalistas e de fronteiras.

TAIWAN: a ex-China Nacionalista. Decadente e anacrônico produto do imperialismo americano virado para as costas chinesas. Tende a uma reunificação com a China pela força dos tratados feitos com os EUA ultimamente por parte do vice-premier chinês, Teng Hsiao-ping (Deng Xiaoping).

CORÉIA DO NORTE: A partir de 1976, com a drástica redução da ajuda soviética a esse país, transformou-se em virtual aliado chinês já que anteriormente mantinha boas relações tanto com a China quanto com a URSS. Governo socialista autoritário chefiado por um oligarca de nome Kim Il Sung que por sua extravagância é chamado de "O Idi Amin do Mundo Comunista".

VIVA A GREVE. NA "ABERTURA" OS



Lula: destituído do Sindicato pelo governo e malhado pelo esquerdão.

"... de tudo isso um grupo de trabalhadores procurou a gente e disse:

"a orientação que o Sindicato deu foi a de que só há negociações quando as máquinas estiverem paradas. Pois bem, na Mercedes elas estão paradas. E nós queremos negociar agora."

"... nós até brincamos com os caras. Nós estávamos brincando, vocês levaram muito a sério..."

(Lula, In "Cara a Cara")

E as máquinas estavam parando e continuam parando e muitas outras ainda vão parar.

As manchetes voltaram-se para as assembléias e greves dos milhares de trabalhadores do ABC paulista.

A greve é uma arma que os trabalhadores estão usando para a conquista das suas reivindicações. As fábricas vão sendo paralisadas; o movimento propaga-se aos demais Estados. É a difusão da experiência vitoriosa propagando-se.

Mas os patrões não foram pegos de surpresa. Fala-se em estudos secretos conhecidos por parte das empresas, elaborados por órgãos oficiais, onde apontavam que o Governo do General Figueiredo enfrentaria sérias dificuldades sociais devido a mais uma crise econômica. Crise no mercado internacional que obriga a um realinhamento da economia interna. Como acontece nestes casos, os grupos que estão mais perto dos centros de decisão degladiam-se por posições mais favoráveis.

Está claro que nossa economia é delimitada pela sua própria participação, subalterna no cenário capitalista internacional. Os interesses que aqui prevalecem são os grandes interesses das multinacionais, as burguesias nacionais são meras associadas desse processo e o Governo man-

tém esta "ordem" garantindo direta ou indiretamente a realização dos investimentos.

PARA ENTENDER A CRISE

Basta imaginar quem se favorece.

Se separamos os capitalistas por tipos de atividades ou por poder de intervenção ou partilha, fica claro que é mais favorecido quem põe menos na parada. Isto significa menos gastos com capital fixo (equipamento, instalações, estoques...), pois enquanto um industrial depende do processo produtivo para ver seus lucros e um comerciante depende dos fluxos de mercado, o capital financeiro só tem o trabalho de colher os frutos. Pois não depende de um mercado localizado. Seu dinheiro rende em qualquer parte do mundo. Se associarmos isto com o aumento do seu poder de barganha vamos entender a crise política. Mas os capitalistas investem diversificando o quanto mais os investimentos forem diversificados em termos de multiplicidade de mercados. Podem melhor agüentar as crises e mesmo beneficiarem-se delas, pelo englobamento dos capitais menores. E tudo isso sai do bolso do trabalhador.

DEFININDO OBJETIVOS

Antigamente era voz corrente em largos setores a idéia de que aos trabalhadores cabia apenas a luta econômica (por melhorias salariais, condições de empregos...). Funcionando estes como o eixo de transmissão de um Partido Operário, definidores das lutas maiores dentro da sociedade. Sendo colocado como lutas maiores a própria luta política (ideológica).

A questão é o que é político sem ser econômico e o que é econômico sem ser político?

Este tipo de dualidade proposta não explicava nada, justificava apenas uma diretriz imposta por uma vanguarda qualquer que, tomando por parâmetro a sua visão de mundo, com a "melhor das boas intenções" a impunha ao restante da sociedade (vide o caso da degeneração dos partidos nos chamados Estados Socialistas).

Esse modo de proceder e de pensar não trazia nada de novo ao socialismo; era apenas a consequência de

uma realidade autoritária que infiltrava-se nos menores detalhes da vida, influenciando gestos, pensamentos, idéias e ações (que alguns chamaram de condições objetivas). O despotismo era a sua marca registrada.

Despotismo que aparece no cotidiano, em todas as suas manifestações, seja na cama, na rua, com os filhos, com as minorias (raciais, sexuais), enfim, em qualquer parte.

(Não se queira negar o historicamente realizado -- este já aconteceu. O que se quer é utilizar seus ensinamentos e avançar daí).

Por aqui dá para entender que o político e o econômico são facetas da mesma realidade social. E aqui é que cabe perguntar o que se entende por realidade social?

Cada indivíduo terá sua realidade específica, cheia de contradições. A realidade será tão complexa quantos indivíduos a compõem.

O que se pode ver claramente dessa realidade são os seus reflexos nas pessoas, onde existem injustiças gritantes.

Muita gente está numa boa, mas muitos mais nem conseguem um mínimo aceitável de sobrevivência.

Podemos supor que o problema é de má estruturação social, independente de imaginar como aise chegou. São obstáculos que podem ser varridos; como não discutir entre todos o que é problema de todos?

Ou o que será que estão entendendo por socialismo?

Bem, aqui a nova questão é a de como viabilizar esta proposta. Mas a questão não deveria ser esta. A pergunta deveria ser: quais são as organizações sociais, que existem ou que poderão existir, que podem resolver o problema social, que engloba todos os problemas da vida de forma satisfatória para todos?

Se esse é nosso objetivo, como é que se chegou a pensar que uma vanguarda, a frente de um Estado qualquer, do dia para a noite, o conseguiria fazer?

Quem dos mais capazes se sente o mais capaz de todos para dizer a todos o que deve ser feito? Ou como se deve viver? Capaz em que? Ou para quem? Ou o quê?

QUANTO À ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Mesmo levando em conta que os sindicatos, hoje, no Brasil, estão atrelados ao governo, o que caracteriza um sindicalismo corporativista, como pensar na luta nos sindicatos como o atrelamento a um novo Governo?

Se os sindicatos devem ser livres, porque são organismos importantes da luta contra a exploração, como não pensar nos sindicatos como organizadores da luta também contra o capitalismo? E como não pensar nos próprios sindicatos como organismos reorganizadores da vida social?

"Tudo foi criado pelo trabalho, e aquilo que foi usurpado à coletividade laboriosa devido à esper-teza ou pela força para chegar à atual situação catastrófica em que nos encontramos, deve retornar aos trabalhadores, donos legítimos de tudo."

(Palavras de um velho militante operário).

É claro que não se fala mais, aqui do sindicato que conhecemos; fala-se de um sindicato revolucionário.

Um sindicato revolucionário que não separa o econômico do político. Fala-se de uma organização de tipo sindical, construída por e a partir de nós, que reorganize toda vida social.

ANTECEDENTES HISTÓRICOS DESTA IDÉIA/AÇÃO

Essa não é uma idéia estranha; ela já esteve presente ao despertar da consciência operária, ela já esteve presente na Primeira Assembléia Internacional dos Trabalhadores (AIT).

"A emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores." (Ou não acontecerá).

O que, no Brasil, aparecia bem claro no III Congresso Operário da Primeira Central Operária Brasileira, em 1920, quando, no boletim da comissão executiva, Neno Vasco escrevia:

"A propósito da organização de um partido operário...":

"... esse partido elabora-se lenta mas seguramente; os operários constituem sindicatos profissionais ou de indústria; os sindicatos agrupam-se em

federações, as federações reúnem-se numa confederação, limitando-se primeiro a um País, para mais tarde ligar-se com as outras, internacionalmente."

É um grande e sólido partido, com base firme, formando-se de baixo para cima, do simples para o composto. Não há comitês diretivos, não há cabeças -- facilmente decapitáveis. A autonomia do indivíduo dentro do sindicato, do sindicato dentro da federação, da federação dentro da confederação. A liberdade da unidade. É um organismo vivo em todas as suas partes. Faz-se um apelo a todas as energias: pela propaganda e pela ação; faz-se a educação mútua no sentido de evitar que os indivíduos possam admitir chefes e depositar neles a sua confiança, a sua iniciativa, ficando desorientados quando esses chefes são empolgados pelo adversário.

Tal é o "partido do trabalho" que se elabora entre nós. (evidente anti-partido).

Essa posição historicamente foi bem definida e organizada pela Confederação Nacional do Trabalho, em 1936, na Espanha, na experiência autogestionária que aconteceu no setor republicano durante a Guerra Civil. E que hoje é retomada por uma nova CNT que, com base no seu legado histórico, na sua autocrítica permanente, redefine suas posições.

Em um documento das suas muitas federações aparece a polêmica com a idéia próxima, conselheira, esboçada por Anton Pannekoek, onde se afirma o seguinte, refutando a alguns conceitos:

SOBRE O CARÁTER DO SINDICALISMO

"É claro que a maioria dos sindicatos estão burocratizados, mas esta evolução só é reflexo da própria evolução da classe operária em si. Na sua maior parte encontram-se submetidos a uma forte dominação ideológica introduzida nela pela burguesia. Mas não é intrínseco ao modo sindical de organizar-se o fato da sua burocratização nem o de, seu papel atenuador dos conflitos sociais: a experiência da CNT é o melhor exemplo disso."

OPERÁRIOS FECHAM AS FÁBRICAS.

CONSELHOS E SINDICATOS

"Existe uma idéia de que os conselhistas (marxistas, libertários ou simplesmente autogestivos) podem ser anti-sindicalistas e que os anarco-sindicalistas ou ignoram os primeiros ou opõem o sindicalismo revolucionário aos conselhos operários. Este antagonismo é falso. Trata-se de duas formas distintas da mesma coisa. A capacidade de autonomia do proletariado e do povo para desenvolver suas lutas e organizar a sociedade revolucionária sem dirigentes nem hierarquias.

"Um sindicato revolucionário tem um papel fundamental no período pré-revolucionário: fustigando ao sistema, conseguindo melhorias qualitativas imediatas, coordenando as lutas revolucionárias de empresas e ramos de produção diferentes, exercitando os trabalhadores na prática da sua auto-organização e preparando-os continuamente para assumir amanhã todo o processo produtivo por si próprios. Nada disso pode ser feito pelos conselhos, que só surgem no auge da luta.

Mas reciprocamente, a teoria clássica do anarcosindicalismo sobre a reestruturação da economia via unicamente os sindicatos revolucionários é insuficiente (): 1) os trabalhadores sindicalizados nem todos estão em um sindicato revolucionário, 2) nem todo mundo é sindicalizado, 3) nem toda a população é trabalhadora. Os conselhos são pois organismos mais adequados chegado um momento revolucionário.

Por isso, sindicatos revolucionários e conselhos são complementares: um tem um papel fundamental na etapa pré-revolucionária, os outros no decorrer da revolução. As coletividades espanholas (autogestão) 36/39, são um bom exemplo disso.

() isso já era o programa da CNT, em 1936, verifique-se em o "Organismo econômico da revolução" de Diego Abad Santillan.

CONTRA OS PARTIDOS POLÍTICOS

Mesmo que Pannekoek, denuncie os aspectos negativos dos partidos, lhes

reserva uma função de confrontação ideológica e "esclarecimento das massas". Afirmamos pelo contrário, que as organizações que a classe operária construiu para sua auto-emancipação - sindicatos revolucionários e conselhos - devem ser integrais na sua luta e abordar por eles próprios todos os aspectos da sociedade.

CONTRA O ESTADO

... Que o poder operário anule o poder estatal não pode confundir-se com que passe a ocupá-lo, pois aquele é um poder que deve ser decididamente anti-estatal. Se pelo Estado se está entendendo um corpo de funcionários permanentes que monopolizam uma série de funções (executivas, judiciárias, legislativas, militares, policiais, etc...); chegando a ter a sua própria dinâmica, não pode chamar-se Estado ao conjunto de mecanismos pelo qual o povo trabalhador organize diretamente seus próprios assuntos, anulando as funções repressivas do Estado (polícia, decretos e leis discriminatórias, etc...) e assumindo as funções talvez úteis que hoje monopoliza (economia, povo armado, tribunais populares) funções cujo exercício não delegará a especialistas, sim que assumirão os trabalhadores coletivamente (assembléias), de forma rotativa ou por qualquer outro procedimento esporádico."

ESSAS IDÉIAS AQUI E AGORA

Como se pode ver, a problemática é bastante atual e não acontece apenas na Europa como muitos podem crer ou gostariam de ver. Esses assuntos discutem-se aqui mesmo e agora. São os trabalhadores, os intelectuais, os estudantes... enfim, todos os setores de sociedade se posicionando.

A revista CARA A CARA, do Centro de Estudos Everardo Dias no seu n.º 2, dedicada quase que exclusivamente à expressão dos próprios trabalhadores é um exemplo do que afirmamos quando num debate que se prolongou por 5 horas, reunindo Jacó Bitar, presidente dos petroleiros de Campinas e Paulínia e membros das oposições sindicais dos metalúrgicos de S.P. --

Bigode (Cândido Hilário), pela chapa 2 Renovação e Hélio Bombardo com três representantes: Nazaré, Baixinho e Zé Pedro. Ainda com ligeiras intervenções de São Paulo da Chapa 2 Paulo Moura, Manoel Ferreira Lima e Valter Schiavon.

O seu roteiro para debates pretendia esgotar os seguintes assuntos:

- 1) Movimento Operário Hoje
- 2) A Questão da Organização
- 3) Luta Sindical e Luta Política

Bem como não caberia "chupar" aqui toda discussão como seria desejável e como é prática corrente da maioria dos intelectuais, vamos registrar apenas algumas expressões que atestam a maturidade e o alcance das nossas afirmações:

Hélio -- Eu acho muito sério o problema do movimento operário atual. Se, por um lado, é um movimento nascido após 64, que não tem muita experiência de luta, por outro, tem poucos vícios. É um movimento de muitos companheiros combativos, um operariado novo e que realmente acredita nas lutas e que não está tão comprometido como o pessoal de antigamente. Eu, particularmente, vejo o pessoal como uma nova camada que surge do operariado dentro do Brasil, após 64.

A distinção que eu vejo entre ele e o de alguns anos atrás é que desde a década de 40, quando Getúlio andou impondo o sindicalismo vertical, os movimentos sindicais, quase todos eram feitos de cúpulas, quero dizer, existia um trabalho de base barrado por acordos cupulistas. O que para mim, distingue hoje, um movimento do outro é que o de hoje está começando de baixo para cima. Antigamente meia dúzia de dirigentes sindicais -- eu digo, antes de 64 -- com raras exceções decidiam uma greve, levavam essa greve e o saldo era muito pouco ou quase nulo. Normalmente não levavam em conta os interesses reais dos companheiros das fábricas. É lógico que há exemplos que fogem disso, mas de uma maneira geral, desde que nós estamos submetidos a um estatuto padrão de 43 em termos sindicais que quase nada produziram no sentido de uma retomada do fio his-

tórico da classe operária. A luta Sindical era vista da seguinte maneira: o sindicato faz para nós que estamos dentro da fábrica. E é nesse ponto que eu acho que as coisas têm mudado bastante. Dois fatos mostram isso. Primeiro, as leis que estão aí já não conseguem barrar o movimento operário, ainda que pequeno. Por outro lado, a herança populista é muito pequena nos companheiros que hoje participam das lutas...

...Através da luta pela reposição salarial, os trabalhadores pressionaram os dirigentes sindicais, que desceram as portas das fábricas, fizeram abaixo assinados, convocaram assembléias quase que semanalmente com a categoria. Isso foi criando um clima que possibilitou um enfrentamento, que foi um enfrentamento de cruzar os braços, de fazer greve e conquistar alguma coisa. Em SP, a coisa já muda um pouco. A diretoria sindical pelega tentou brechar de todas as formas as lutas nas fábricas, encaminhou uma ação contra a União, que até o momento não deu em nada, e não convocou nenhuma assembléia de categoria. Mas os companheiros que estão na fábrica, a partir das greves de S. Bernardo, passaram a levar recortes de jornal e a discutir nas fábricas, começaram a surgir boletins de oposição daquele pessoal que de certa forma estava preocupado em quebrar, ainda que parcialmente, a lei do arrocho salarial. As greves, por exemplo, não são permitidas, mas elas realmente aconteceram.

...Aqui em SP as oposições foram para a porta da fábrica e se organizaram dentro das fábricas com as condições dadas. As condições dadas são as seguintes: a classe realmente estava a fim de parar, estavam todos dispostos a lutar por um aumento geral e já existia um trabalho anterior. Em SP pode-se dizer que houve uma grande articulação e discussão de uma fábrica com outra, seja no sindicato, seja nas reuniões da oposição, com um passando a experiência para o outro e mostrando de que maneira a experiência numa fábrica pode ser aproveitada em outra.

É isso que dá a tônica diferente em SP. Aqui

saíram em várias fábricas comissões reconhecidas pela direção da empresa, comissões legais com estabilidade e até comissões que as empresas não conhecem. Então, a experiência que não se encerrou numa luta econômica de um determinado momento. Ela inclusive está avançando em outras questões, com a questão da perseguição dentro da fábrica, a questão do restaurante, de convênios médicos, quer dizer, a luta está procurando englobar tudo, ou pelo menos grande parte daquilo que diz respeito à vida do operário, dentro da fábrica.

... a luta da oposição é justamente para quebrar a estrutura sindical.

...Eu acho que as nossas lutas demonstraram, por alguns caminhos, como é que se vai quebrar a estrutura sindical: por exemplo, se é proibido fazer greve, o pessoal faz greve...

...Esse trabalho, no entanto, é um trabalho mais longo, que requer que a classe vá realmente assumindo a luta política e econômica, para que esta não fique na cabeça de 40 ou 50 companheiros. Eu acho que na medida em que a classe vai assumindo a necessidade de sua organização independente em relação ao Estado, ela vai assumindo a luta dentro das fábricas."

Como se viu o relato é bastante profundo, existe algumas dúvidas: a questão das comissões legalizadas (se estas não se transformarão em nova burocracia ou órgão de controle dos próprios patrões?)

Só um amplo debate poderá precisar melhor o que se está entendendo por luta política e econômica, mas é evidente que uma coisa não se separa da outra.

A discussão como se pode ver é atual, ela se dá hoje e é fundamental para a orientação da intervenção no processo em que vivemos.

Tentar colocar hoje a discussão de uma organização sindical que amplia a luta dos trabalhadores, não é um dever apenas, é uma obrigação que toca a todos os interessados na emancipação dos trabalhadores. Nos interessados numa sociedade mais justa e mais humana para todos.

de Porto Alegre
Vitor Mendonça
José Onofre.

1º DE MAIO, DIA



FISCHER

Pertence exclusivamente ao proletariado, aos trabalhadores, a comemoração do 1º de Maio. Como trabalhadores considera-se todos que vivem do produto de seu trabalho, manual ou intelectual, em benefício da coletividade, que não exploram o trabalho alheio e que devem alugar seus esforços aos detentores dos bens sociais.

O 1º de Maio é dia de luto, luta e de protesto consciente.

Não é dia de festa. Os trabalhadores vivem escravizados e escravos não costumam festejar sua opressão.

Entretanto, políticos astutos, classes empresariais, governantes inescrupulosos e grupos opressores, procuram deturpar o verdadeiro significado dessa data.

Nos países pseudo-socialistas o 1º de Maio é motivo para desfile de mortíferas armas atômicas e de tropas cientificamente treinadas para a morte, enquanto a camarilha dona do poder a tudo assiste em palanque cuidadosamente separado do povo.

Nos países capitalistas, quer onde impere o regime de democracia liberal ou nos de ostensiva ditadura, as classes dominantes promovem jogos de foot-ball, shows com artistas famosos, festas e bebedeiras com o objetivo de anestesiar a consciência dos produtores.

Porém, ao contrário de uma festa, essa é data símbolo das aspirações da classe trabalhadora, comemoração afirmativa da vontade de decisão do proletariado reivindicar seus direitos espeznhados.

Ao operário consciente cabe a tarefa de recuperar o significado dessa data universal e histórica.

ORIGEM DO 1º DE MAIO

A rápida industrialização da América do Norte



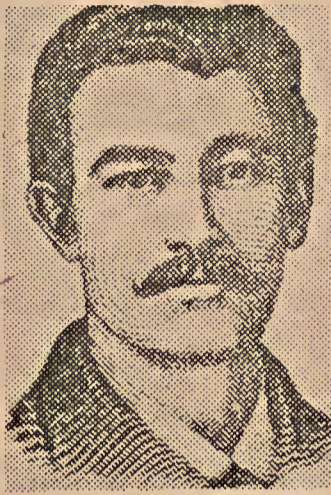
PARSONS

no período posterior à Guerra Civil, provocou intensa conturbação no seio das classes operárias. Surgiram movimentos de protesto pelos baixos salários, desemprego e excessivo horário de trabalho. Fundaram-se pujantes associações como a "Liga Pelas Oito Horas", "Liga dos Cavaleiros do Trabalho" e a secção americana da "Associação Internacional dos Trabalhadores".

A treze de janeiro de 1872, após greve de 100.000 operários, os desempregados de New York fizeram importante manifestação. A polícia interveio espancando os trabalhadores.

Em um Congresso realizado em Chicago deliberou-se declarar greve geral no dia 1º de maio de 1886, para surpresa geral, tudo corre em calma, sem incidentes. Dois dias após, trabalhadores da empresa madeireira McCormick se reúnem para eleger uma comissão de greve. Em quanto fala Augusto Spies, um grupo de operários sai da reunião e ataca alguns outros que estavam furando a greve. A polícia privada da empresa ataca os trabalhadores matando seis e ferindo cinquenta. Spies, testemunha ocular da ocorrência, publica no dia seguinte violento artigo no "Arbeiter-Zeitung" clamando os trabalhadores à luta.

No dia quatro de maio é convocada pelo grupo libertário uma manifestação na praça Haymarket. O comício foi permitido pelas autoridades e assistido pelo prefeito de Chicago, Cart H. Harrison. A reunião iniciou-se às 19:30 e decorreu sem incidentes até às 22 horas. Quando todos se retiravam pacificamente o inspetor da Polícia, John Bonfield, com 180 policiais uniformizados, intervêm bruta e espan-



LING

cando os assistentes. Nesse momento um petardo cruza o espaço explode entre os policiais matando um e ferindo mais de duzentos.

O PROCESSO

Nos dias seguintes Chicago ofereceu um exemplo flagrante de irracionalidade e histeria coletiva. Centenas de pessoas, lares invadidos e depredados, estado de sítio, toque de recolher, jornais fechados. Uma verdadeira "caça às bruxas" pois a explosão da bomba era indicação infalível de um complô de amplas proporções, segundo a polícia. Imediatamente foram presos; Fielden, Spies, Schwab, Engel, Fischer, Ling, Neeb; Parsons ao saber da prisão dos companheiros, apresentou-se voluntariamente às autoridades. Todos eles militares de organizações libertárias de trabalhadores.

O processo foi caracterizado por um pré-julgamento. Tratava-se antes de mais nada de punir exemplarmente um punhado de inocentes para que o exemplo intimidasse o movimento operário. O objetivo do Juiz Joseph E. Gary era condenar e não fazer justiça e a ele estava unida toda a imprensa capitalista, as classes empresariais e a sociedade conservadora de Chicago.

A sentença foi proferida no dia 28 de agosto e a execução foi determinada para o dia 11 de novembro de 1887. Pisando a lei, a razão, a dignidade, a verdade, a justiça, as classes opressoras gritaram: "ao patíbulo!" Porém, o tético patíbulo não perturbou a consciência dos condenados que assim se expressaram nos últimos momentos:

Spies — "Tempo virá em que nosso silêncio será mais poderoso que as nos-



ENGEL

sas vozes, que hoje estranham com a morte."

Fischer — "Hurrah pelo anarquismo!"

Engel — "Este é o momento mais feliz de minha vida!"

Parsons — "Deixai ouvir a voz do povo?"

Em 1889, em Congresso Internacional, foi escolhido o dia 1º de Maio para uma manifestação universal e o proletariado aceitou-a com entusiasmo, dando-lhe um caráter reivindicativo, saudando a memória dos que morreram pela libertação dos trabalhadores.

PALAVRAS DOS CONDENADOS APÓS A LEITURA DA SENTENÇA

1. Augusto Spies — (1855/1877), editor do jornal "Arbeiter-Zeitung", condenado à forca é executado:

"Ao dirigir-me a este Tribunal, o faço como representante de uma classe inimiga e começarei com as mesmas palavras que um personagem veneziano pronunciou já cinco séculos ante o Conselho dos Dez, em ocasião semelhante: "minha defesa é a vossa acusação; meus pretensos crimes são a vossa história!"

(...) Acusam-me de não ser cidadão deste país. Resido aqui há tanto tempo como Grinnell (procurador-geral), sou tão bom cidadão como ele pelo menos, ainda não quisera ser comparado com tal personagem.

Grinnell apelou, sem necessidade, ao patriotismo dos jurados e vou responder-lhe com as palavras de um diplomata inglês: "O patriotismo é o último refúgio dos infames."

(...) Foi insinuado, que era o Anarquismo que estava em julgamento... Nenhuma sílaba sobre Anarquismo foi pronunciada no comício de Hay-



SPIES

market. Ali, o tema popular foi a redução das horas de trabalho. Porém, "o Anarquismo está em julgamento", espumou raivosamente o Sr. Grinnell. Se assim é eu me sentencio: sou anarquista.

Creio com Buckle, Paine, Jefferson, Emerson, Spencer e muitos outros grandes pensadores do século, que o Estado de castas e classes — situação em que uns vivem às expensas do trabalho dos outros — que chamamos ordem, creio, sim que esta bárbara forma de organização social com seus roubos e assassinatos legais está próxima a desaparecer e deixar desobstruída a passagem a uma sociedade livre, à associação voluntária se preferires.

(...) Já expus minhas idéias. Elas constituem parte de mim mesmo. Não quero prescindir delas e ainda que o quisesse não o poderia. E se pensasses que tereis aniquilado estas idéias que ganham mais terreno cada dia, mandando-me à forca; se mais uma vez aplicais a pena de morte pelo atrevimento de dizer a verdade e vos desafiar — eu vos digo — se a morte é a pena que usai para a proclamação da verdade, então estou disposto a pagar tão custoso preço: chamai o carrasco!

A verdade crucificada em Sócrates, Cristo, Giordano Bruno, João Huss e Galileu ainda vive, estes e muitos outros nos precederam no passado. Estamos dispostos a segui-los."

2. Michael Schwab — nasceu na Baviera em 1853, profissão de encadernador e repórter do "Arbeiter-Zeitung", condenado à forca foi posteriormente sentenciado à prisão perpétua. Adquiriu a liberdade em 1890:

"Denominar justiça os procedimentos seguidos

DE PROTESTO

neste processo seria uma burla. Não se faz justiça nem se poderia fazer, porque, quando uma classe está em frente à outra, é uma hipocrisia tão só supô-lo.

(...) Não há nenhum segredo em nossa propaganda. Anunciamos por palavras e por escrito uma próxima revolução, uma mudança no sistema de produção de todos os países industriais do mundo, e essa mudança aproxima-se, não poderá deixar de chegar.

(...) O anarquismo morreu, disse o procurador-geral. O Anarquismo até hoje só existe como doutrina e o Sr. Grinnel não tem poder para matar qualquer doutrina.

3. Oscar Neeb — nasceu em New York em 1841, condenado à forca, foi posteriormente sentenciado a 15 anos de prisão. Em 1890, o governador do Illinois, John P. Atlgold, assinou sua libertação por considerá-lo inocente:

"Estes são os crimes que cometi. Em minha casa foram encontrados um revólver e uma bandeira vermelha. Organizei sindicatos operários. Sou pela redução das horas de trabalho, pela educação dos trabalhadores e pela saída do "Arbeiter-Zeitung", o jornal dos operários. Não há evidência que eu estivesse em conexão com arremessadores de bomba ou que estivesse perto deles.

Portanto, eu vos suplico, enforcad-me também. Pois é mais honroso morrer rapidamente do que ser assassinado numa prisão."

4. Adolf Fischer — nasceu em Bremen no ano de 1842, tipógrafo, condenado à forca, foi executado:

"Tenho que protestar contra a pena que me impõem, porque não sou assassino e só se me provou que sou anarquista.

(...) Se credes que com este bárbaro veredito aniquilais os anarquistas, laborais em erro, por que eles estão dispostos a morrer sempre pelos seus princípios e estes são imortais. Este veredito é um golpe de morte dado à liberdade de imprensa, do pensamento e da palavra neste país. O povo tomará nota."

5. Louis Ling — nasceu em Mannheim, Baden, profissão de carpinteiro. Tinha na época do processo apenas vinte e dois anos, condenado à forca suicidou-se ou "foi suicidado na prisão", este aspecto nunca ficou esclarecido plenamente:

"Corte de Justiça!

Com a mesma ironia com a qual olharam meus esforços para obter nesta "terra livre da América" um modo de viver, tal como um ser humano é digno de gozar; agora, após condenar-me à morte, concedei-me a liberdade de pronunciar um último discurso.

Aceito a concessão, porém com o único propósito de expor as injustiças, as calúnias e os ultrajes que atiraram sobre mim.

Acusam-me de desprezar a lei e a ordem. E que significa a lei e a ordem? Seus representantes são os policiais e entre estes existem muitos ladrões. Aqui se senta o capitão Schaack. Ele me confessou que meu chapéu e meus livros tinham desaparecido, subtraídos por policiais. Ai es-

tão vossos defensores do direito de propriedade.

(...) Permita que vos assegure que morro feliz porque estou seguro de que centenas e milhares de operários, a quem tenho falado, recordarão minhas palavras.

(...) Desprezo-vos, desprezo vossa ordem, vossas leis, vossa força, vossa autoridade. Enforcad-me!"

6. George Engel — membro da I Internacional, condenado à forca e executado:

"Em que consiste meu crime?

Em que tenho trabalhado para o estabelecimento de um sistema social em que seja impossível o fato de que enquanto uns amontoam milhões, beneficiando-se das máquinas, outros caíam na degradação e na miséria...

Vossas leis estão em oposição com as da natureza, e por intermédio delas, roubais as massas o direito à vida e ao bem-estar.

Não combato individualmente os capitalistas, combato o sistema que lhes dá o privilégio. Meus mais ardentes desejos é que os trabalhadores saibam quem são seus inimigos e quem são seus amigos.

Tudo o mais eu desprezo; desprezo o poder de um governo iníquo, seus policiais e seus espíões. Não tenho mais nada a dizer."

7. Samuel Fielden — nasceu em Lancashire em 1846, cocheiro, condenado à prisão perpétua, foi em 1890 posto em liberdade após revisão do processo:

"Não há nenhum criminalista que negue que todo crime na sua origem é produto necessário da

miséria. Pois bem, acusam-me de excitar as paixões, acusam-me de incendiário, porque tenho afirmado que a sociedade atual degrada o homem até reduzi-lo à categoria de animal.

Andai, ide às casas dos pobres, e os haveis de ver amontoados no menor espaço possível, respirando uma atmosfera de enfermidade e de morte.

Credes que estes homens têm verdadeira consciência do que fazem? De nenhum modo. São produto de certas condições, de determinados meios em que nasceram, o que lhes obriga a ser o que são e nada mais do que são.

(...) Creio que chegará o tempo em que sobre as ruínas da corrupção se levantará a esplendorosa manhã do mundo emancipado, livre de todas as maldades, de todos os monstruosos anacronismos de nossa época e de todas vossas condenadas instituições."

8. Albert R. Parsons — Impressor tipográfico, editor do jornal "Alarm"; seu discurso foi de oito horas. Seus ancestrais chegaram à América na segunda viagem do Mayflower, e em sua família havia generais, majores, juristas etc., porém, ele não se prevaleceu disso para a sua defesa. Foi condenado à forca e executado.

"Vosso veredito é o da paixão, gerado pela paixão, alimentado pela paixão e é a soma total da paixão organizada da cidade de Chicago.

E que é a paixão? É a supressão da razão, dos elementos de discernimento, de reflexão e de justiça

necessários para se chegar ao conhecimento da verdade. Não podeis negar que vossa sentença é o resultado do ódio da imprensa capitalista, dos monopolizadores do capital, dos exploradores do trabalho (...).

Este processo iniciou-se e seguiu contra nós, inspirado pelos capitalistas, pelos que crêem que os trabalhadores não têm mais que um direito e um dever: o de obediência.

Eles guiaram este processo até o momento, como disse muito bem Fielden, de nos acusarem ostensivamente de assassinos e nos condenarem como anarquistas (...).

(...) Pois bem sou anarquista! Que é o socialismo e o anarquismo? Brevemente definido, o direito dos produtores ao uso livre e igual dos instrumentos de trabalho. A história da humanidade é progressiva, é ao mesmo tempo evolucionista e revolucionária.

A linha divisória entre a evolução e a revolução jamais pode ser determinada. Evolução e revolução são sinônimos. A evolução é o período de incubação revolucionária. O nascimento é uma revolução, seu processo de desenvolvimento, a evolução.

(...) Já provei como fui ao comício de Haymarket, sem plano prévio de nenhuma classe, solicitado à última hora pelos meus amigos. Já sabeis que me acompanharam minha esposa, a senhorita Holmes, outras duas mais e meus dois filhos. E agora perguntado, é possível que em tais circunstâncias e condições, acudisse a um lugar onde tivesse premeditado um complot para lançar bombas? Isso é incrível; está fora da natureza humana crer na possibilidade de um ato tão monstruoso."

Oba! oba! O partido dos trabalhadores

Sopra da daqui e dali, vai-se difundindo a idéia de que os operários para defenderem seus reais interesses, teriam que criar um autêntico Partido dos Trabalhadores, que fosse do trabalhador, pelo trabalhador e para o trabalhador.

Os objetivos começaram a se delinear, quando nos dias 22 a 26 de janeiro do corrente ano, a cúpula - notem bem - dos dirigentes sindicais metalúrgicos estiveram reunidos em congresso na cidade paulista de Lins.

Nesse estranhíssimo conúbio do qual fazia parte "pelegos" tipo Joaquim dos Santos Andrade, famoso "dedo-duro" dos sindicatos dos metalúrgicos de São Paulo; Henos Amorina do sindicato de Osasco; Argeu Egídio dos Santos da Federação de Metalúrgicos de São Paulo; Cid Ferreira, do Sindicato Metalúrgico de Campinas, além dos sindicalistas autênticos, firmou-se no final, a necessidade da criação do Partido dos Trabalhadores.

A maneira centralista, totalitária e cupulista da decisão, a nenhum trabalhador escapou. O grupo de "sábios dirigentes", determinou e os operários ouviram sem tugar nem mugir.

A Consolidação das leis Trabalhistas, trágica herança do fascismo de Vargas, criou a figura nefasta do burocrata sindical e a repulsa do "pelego".

O operário eleito para a direção de um sindicato, perde inteiramente o contato com sua atividade profissional. Passa a

viver em gabinetes atapetados, com ar refrigerado, dando entrevistas a jornais, TV e rádio. Entra em relações com industriais, políticos, gente endinheirada e bem cheirosa, militares. Inicia vida parasitária com ordenados ganhos sem esforços, carro a disposição, sem contar inúmeras mordomias. Toma conhecimento dos labirintos escusos do Ministério do Trabalho e de seus secretíssimos encantos.

É natural que se apavorem ante a perspectiva, de uma vez terminado seu mandato sindical, ter que voltar ao trabalho massacrante de suas fábricas, seguir horários rígidos, obedecendo em vez de mandar, ter salário restrito, ser um simples elo na cadeia da produção, etc.

As tentativas de desviar os trabalhadores de suas lutas concretas, diretas, dentro das fábricas, nos sindicatos, pela abolição do imposto sindical, por salários dignos, contra a rotatividade da mão-de-obra, pela autonomia e liberdade sindical, pelo direito de greve, pela desvinculação dos sindicatos da tutela do Ministério do Trabalho, pelo direito de nomeação de delegados sindicais nas empresas, pela autogestão de lutas, pela elevação do nível de consciência e cultural dos operários, têm sido a obra de um grupo espúrio que já se sentindo desligado da classe operária pelo seu status atual quer, não obstante, continuar auferindo todas as vantagens possíveis através da criação de um partido político.

Criar o Partido dos Trabalhadores é, implicitamente, aceitar a regra do jogo estabelecido pelas classes dominantes. É caminhar pela ação indireta. É abandonar a luta de confronto direto entre produtores e o sistema. É entregar a um grupo, a solução dos problemas que só os próprios operários em conjunto poderão solucionar. É, em uma palavra, cair em total alienação. É tentar reforçar o sistema parlamentarista desacreditado e desmoralizado em todo o mundo. É fossilizar o movimento de reivindicação dos operários, como fossilizado estão em todo o mundo os partidos ditos revolucionários, que intentaram uma transformação social pela via parlamentar.

Para a cúpula de "sábios dirigentes metalúrgicos", é a continuidade da vidinha fácil e bem regrada, o "doce far niente" bem remunerado. É o carnaval eterno. Oba, Oba, ziriguidun, saravá... que pode também terminar numa triste quarta-feira de cinzas

Aos autênticos operários caberá uma rotunda desaprovação à ação desse bloco de almas penadas.

Zeferino Marteleiro

Um problema capital

N'O INIMIGO DO REI nº 4 falamos sobre a situação do homem do campo, no que diz à exploração do seu trabalho. Agora vamos mostrar com detalhes a diferença da propriedade voltada para o homem comum para aquela que tem como único objetivo o capital, mesmo agregando inúmeros indivíduos passivos, que apenas trabalham para a sobrevivência.

Sabemos que essa invenção do capital pelo homem, é um erro grosseiro. Quem criou este imenso recurso foi a própria natureza, da qual nós fazemos parte como pequena parcela; seja como consumidores ou para preservá-la e assegurar a sua permanência em função da própria existência do ser humano.

Hoje, em todas as partes do mundo, o ser humano debate-se com o problema da produção, seja de alimentos, como de materiais duráveis. Mas, em tudo isso existe um exagero e uma ganância partindo de indivíduos desequilibrados que, pelo lucro, a inveja, a arrogância e a hipocrisia, se esquecem que são uma efêmera criatura e não pode fugir às leis da natureza que o tem até a hora em que desejar.

RAIZ DOS MALES

Pois bem. O que ocorre nas cidades, ocorre também com nosso trabalhador rural, que vem sendo orientado por estas veredas escabrosas da produção de mercado, voltada inteiramente para atender aos caprichos da tecnocracia, atrelando-se ao carro apocalíptico de crescimento mundial. Tudo isso sem levar em conta o ser humano como um todo. Eis aí as raízes de todos os males que ora ocorrem por este imenso País, no que se insere o problema da produção e sua distribuição, da qual exclui milhões de seres humanos, fazendo com que os mesmos emigrem para as cidades. Criando-se, assim, esses monstros urbanos.

Como já demonstrei, a cidade é um saco sem fundo, com relação à criação de riquezas, pois leva um desequilíbrio ao conjunto da sociedade. Não há milagre que possa melhorar os pobres dos países em desenvolvimento, a menos que se processe um desenvolvimento regional integrado, fora das grandes cidades.

Se não houver uma conscientização neste sentido, a única escolha que o homem do campo pode fazer é permanecer na atual situação de exploração e miséria — ou emigrar para as grandes cidades, onde as suas condições ainda serão mais degradantes. Quero esclarecer que isso só será possível, se o ser humano dispuser de liberdade total para dispor de si mesmo.

LUCRO: ÚNICA META

Esperar desta economia convencional é cair no abismo, pois sabemos que ela só tem uma meta — o lucro. Os economistas e seus seguidores dão uma visão materialista ao desenvolvimento industrial, dando preferência primordial às máquinas, eliminando o fator humano, porque a máquina, no entender desses senhores, não comete enganos e nem dá prejuízos como as pessoas humanas. Não escapando deste engano, até mesmo a natureza, embora este desenvolvimento seja em função desses seres humanos.

Em razão desta situação é que ocorrem as sérias crises de mercado com graves perturbações sociais. Ora por falta de produção, ora por abundância, principalmente no que concerne aos produtos alimentares onde os açambarcadores de lucros — para mantê-los — fazem o jogo sujo. Esses senhores — para manter uma grande produção — não excluem a destruição do ser humano e da natureza.

Portanto, a economia do gigantismo e da automação é remanescente das condições e do pensamento do século XIX e é totalmente incapaz de resolver os graves problemas reais de hoje. Precisamos do pensamento novo, assentado na atenção pelas pessoas e não primordialmente pelos bens materiais. Com o potencial tecnológico e científico de que dispomos, basta uma reconstrução consciente dos seres humanos para livrá-los da miséria e da degradação. Precisamos contar com indivíduos, famílias, pequenos grupos, associações, sindicatos e federações em vez de Estados e outras abstrações sórdidas que aniquilam com a pessoa humana. Não escapam nem aqueles que manipulam porque as pessoas só podem dispor de si mesmas livrando-se da canga do Estado e de instituições autoritárias.

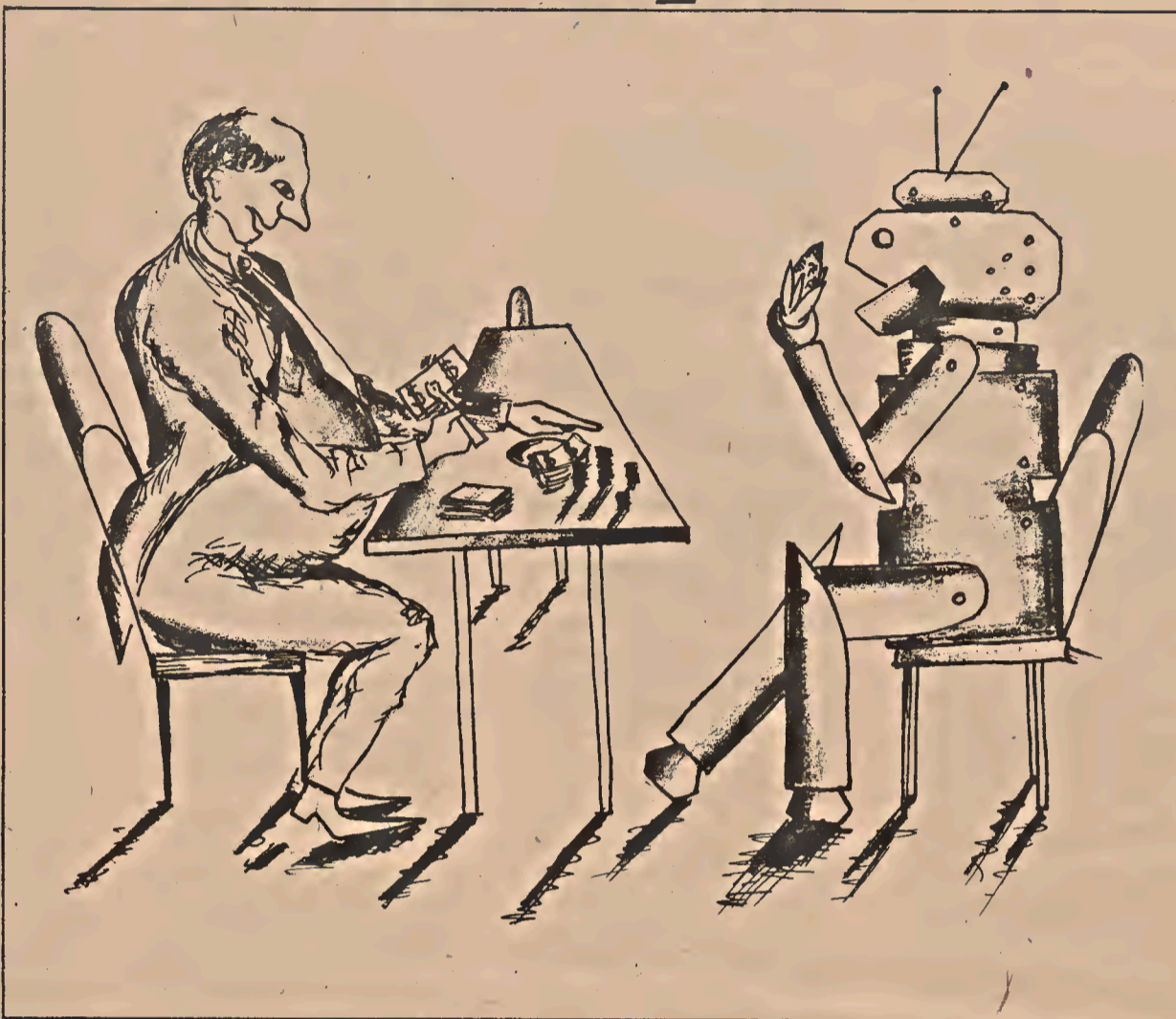
Qual a finalidade da democracia? Será uma questão de mercadoria ou de pessoas? Deixo a resposta ao leitor.

"As pessoas só podem ser elas próprias em pequenos grupos, abrangentes. Portanto temos que aprender a pensar em termos de uma estrutura capaz de fazer face às múltiplas unidades em pequena escala. Se o pensamento econômico não puder aprender isto, então é inútil. Se ele não puder ultrapassar suas vastas abstrações, renda nacional, a taxa de crescimento, a relação capital/produto, a análise/custo, renda, mobilidade de mão-de-obra, acumulação de capital; se ele não puder ir além disso e entrar em contato com as realidades humanas de pobreza, frustrações, alienação, desespero, colapso nervoso, crime, escapismo, estafa, congestionamento, fealdade e morte espiritual, então joguemos a economia no ferro-velho" (Economista E. F. Schumacher)

PRESSÃO E TENSÕES

Voltemos ao que se passa com os nosso idealizadores da economia de mercado, onde não se leva em consideração os produtos renováveis e não renováveis, não escapando nem mesmo as nossas florestas. Não quero aqui negar que possamos ter um padrão de vida razoável, mas que este não venha de encontro ao homem, matando a sua liberdade e sua espiritualidade criativa.

Vemos que países que se encaminharam por uma razoável economia — como a Birmânia — aproveitando os ensinamentos



da economia ocidental e de países orientais, o seu povo vive com um padrão de vida sem pressão e tensões, além do que se passa no maior centralizador de tecnologia do mundo: os Estados Unidos da América, sem o concurso da vontade popular.

Por outro lado, os chamados estados operários — como a Rússia, China, Alemanha Oriental e tantos outros opressores da liberdade individual — enveredaram-se por esse mesmo processo. Embora ali tenham havido reais movimentos populares, destruídos pelos novos tiranos que usurparam a vontade popular, impondo a ordem de cima para baixo. Ordem e progresso significa morte à liberdade.

MONOCULTURA

Não existe crime maior do que a incrementação da monocultura, unicamente para atender apetites de ganância e lucro. Como é o caso das nossas lavouras de café, fumo, cana, cacau, soja e algodão. Deixa-se que o pequeno produtor pereça diante da abusiva concorrência e descaso, trazendo sérios problemas às lavouras diversificadas e de subsistência. Essas monoculturas de mercado destroem a natureza, deixa o homem à mercê de um tratamento desumano, além de desequilibrar a sua vida biológica.

Para manter esse processo empregam-se produtos químicos, inseticidas venenosíssimos, afetando seriamente o nosso planeta e o mais prejudicado será fatalmente o ser humano. Este irá pagar um tributo bem alto, com o ar poluído, as águas envenenadas e os alimentos alvejados e polidos por produtos corrosivos.

Poder-se-ia ter uma lavoura que assegurasse a todos plena estabilidade, procurando melhorar as terras com uma lavoura assentada em processos biodinâmicos e naturais. Assim sendo, ter-se-ia o equilíbrio ecológico ideal. Mas ocorre o inverso disso. Cada vez mais procura-se levar ao campo uma tecnologia desumana, copiada de sistemas sofisticados, que requer um know-how ainda fora das nossas possibilidades.

Os nossos tecnocratas procuram levar a qualquer custo uma produção não para o ser humano, mais sim para o crescimento de riquezas. Os nossos meios de comunicação são canalizados e manipulados para propagar essa ideologia de mercado e as grandes massas do povo inconscientes acabam se influenciando com essas idéias.

SER E TER

Até os nossos pseudo-intelectuais, que confundem títulos universitários com educação, fazem coro e batem palmas ao carrossel macabro. Por que olhar com vistas grossas o trabalho edificante do homem comum? Leon Tolstói lamentava-se de morrer e nunca pagar a dívida que contraiu por ter cursado uma Universidade custeada pelo trabalho dos homens comuns.

Mas os nossos profissionais liberais acham que os seus cursos deveriam-se exclusivamente ao seu esforço. Se seus discernimentos melhorassem, e refletissem, procurariam auxiliar

àqueles que contribuíram para sua aprendizagem. Pelo contrário, só visam privilégios e a vaidade pessoal. Por que não ombrear-se a todos na busca de uma solução estável, abolindo o egoísmo e a inveja, guiando-se pela racionalidade?

Então a economia voltaria para o ser e não mais para o ter

Lembramos ao leitor que a Suécia é um país onde se conseguiu um padrão de vida bastante alto graças aos impulsos econômicos unicamente voltados para os bens materiais. Este crescimento levou o povo a sérios desequilíbrios mentais: queda acentuada da criação artística, depressões, prostração, tensão e alterações psíquicas, alcoolismo e toxicomania. Um alto índice de suicídios.

Portanto, voltando à História, verificamos que várias civilizações desaparecidas encaminharam-se também por este absurdo, apressando o seu fim.

Precisamos fazer uma revolução interna, em cada um de nós, voltada para uma educação permanente com um planejamento que conte com a participação de todos. Acabar com esta visão cega de tecnicismo. O que se entende por educação? É um conhecimento profundo de toda a vida social, abrangendo Filosofia, Artes, Cultura, Ciência, (coisas, aliás, que neste país não vemos).

Esperamos que esta educação consciente não seja objeto de escárnio e desdém. É preciso que os nossos homens de ciências declinem de suas arrogâncias e vejam que somos passíveis de falhas e erros. Quero referir-me à técnica imposta de cima para baixo, sem discussão, como é o caso do uso da energia nuclear. Quando sabemos que há elementos radioativos capazes de permanecer dando descargas por milhares de anos. Quem poderá detê-los em caso de acidentes com as usinas nucleares? (Terremotos, falhas humanas, agressões sociais etc.) Onde jogar o lixo atômico?

Esta educação tem que ser feita anarquicamente por todos, sem comando e sem escolha. A terra deve pertencer a quem nela trabalha, não importa que seja coletiva ou individual, conquanto seja usada para o bem-estar de todos, isenta de dogmas econômicos e ideológicos. Urge fazer isso antes que seja tarde demais, pois os perigos desta vasta engrenagem põe-nos sufoco, tornando-nos cada dia mais desumanizados.

Os estados e as burocracias crescentes jogam todo o seu peso eficiente, esmagando o indivíduo e a sua liberdade. Precisamos de uma comunicação e esta comunicação tem que ser de homem para homem, de pequenos grupos e associações.

O ser humano não tolera receber ordens de terceiros, quanto mais de um seu semelhante, que posa de superior. Ninguém tolera as organizações grandes, misteriosas, mesmo que elas se proponham a fazer algo de humano. Ninguém gosta de ser dirigido e nem guiado. Podemos criar pequenos núcleos com pessoas conscientes e ajudar individualmente aqueles que se propõem a criar uma alternativa fora desta anômala sociedade.

Antônio Fernandes Mendes

O pacote da UNE

Está vindo aí o "pacote" da UNE. A reorganização da União Nacional dos Estudantes não pôde escapar à tradicional e autoritária forma de movimento estudantil que tem sido impingida, anos a fio, pelas chamadas "lideranças". Enquanto os chefes dos diretórios estudantis encontravam-se até com o ministro da Educação e pediam ao Governador da Bahia um local para o Congresso —

os poderes se entendem — e, às escuras, a nível de cúpula, transavam o "pacote", os estudantes, a massa estudantil propriamente dita, chupava o dedo no dia a dia infernal da Universidade, inteiramente por fora de tudo.

Pelo menos aqui na Bahia, praticamente às vésperas do congresso para a reorganização da UNE, o assunto sequer foi ventilado nas universidades. O Di-

retório Central dos Estudantes falou muito sobre isso, é claro. Mas eles, apenas eles e ninguém mais.

Assim sendo, nota-se claramente os caminhos que estão sendo trilhados para a reorganização da entidade. A forma é a mesma de sempre: centralista e autoritária. Por que o assunto não foi amplamente discutido nas bases? Por que aquilo que vai ser "unido" não sabia, até às vésperas do Congresso, exatamente como a coisa seria feita? Por certo que essas perguntas encontrariam amplas "justificativas" se dirigidas aos "papas" que estão "cuidando" da reorganização da UNE. Entretanto, também é certo que essas questões deixam a grande maioria dos estudantes confusa.

Todos querem a união dos estudantes a nível

nacional. E quem poderia ser contra isso (à exceção do poder estabelecido)? Ninguém, é claro. É evidente que os estudantes querem unir-se para fortalecer suas lutas. Entretanto, o como foi esquecido. Isto é, propositadamente esquecido em termos da massa estudantil. Quem garante que — caso a reorganização da UNE fosse debatida exaustivamente com a real maioria dos estudantes — optar-se-ia por esta forma autoritária? Quem garante que o "pacote" arquitetado Deus sabe como e onde interessa realmente à maioria?

Ora, ao que tudo indica, esses garotos que se arvoram a líderes da massa estudantil ficaram impregnados do autoritarismo reinante no Brasil nos últimos 15 anos. E aprenderam direitinho, pois até "pacotes", no mais autêntico estilo Simonsen, já sabem editar.

Em resumo: o processo de reorganização da UNE está sendo exatamente ao contrário do que deveria ser. Está partindo da cúpula para as bases. O congresso, então, não passa de uma encenação digna dos Planaltos da vida quando "elegem" presidentes. Os estudantes não vão eleger presidentes. Mas vão referendar um "pacote" de cuja confecção eles não participaram. De nada adiantará que algumas vírgulas sejam mudadas de lugar; que alguns pontos sejam retirados aqui e ali; enfim, o problema básico é que o núcleo, a forma da coisa já vem pronta. E aí, não se mexe. Quem quiser mudar, quem gritar contra, corre o risco — como já é hábito, por sinal — de ser taxado de reacionário, direitista ou, com muito boa vontade, de "ingênuo".

Bem, este é o quadro. A massa estudantil, alienada,

é mais uma vez posta de lado e somente lembrada quando esses doutores do movimento necessitam dela para exibirem sua "força". A massa serve para tomar cassinetadas. Os líderes ordenam e a ralé apanha.

Assim, sendo, não é preciso pensar muito para deduzir-se que a UNE que vem aí não representa os anseios da maioria estudantil (a mesmos que, no processo de apreensão de métodos que esses líderes sofreram de 64 para cá, esteja incluída uma misteriosa capacidade de adivinhar os desejos da massa, da maioria). Ela vem de cima para baixo, imposta, ditada.

No fundo, tudo isso reflete os caminhos pelos quais anda o movimento estudantil brasileiro. Uma réplica da ditadura imposta pelo golpe de 1964. Como diz o povo, filho de peixe...

ALEXANDRE FERRAZ

Dar corpo aos porretes?

Pancadaria, engarrafamento, queima de um caixão simbólico, em plena Av. Osvaldo Aranha; julgamento público do General Figueiredo e uma passeata por toda a área do Campus Universitário da UFRGS.

Tudo isto ocorreu no dia 15 de março, em Porto Alegre, quando da posse do novo monarca equino: aproximadamente 1.500 estudantes participaram da passeata, sendo apoiados por alguns populares (alguns saíram de seus carros em demonstrações de solidariedade)

Polícias Militares, em demonstrações claras de como vai ser o "novo governo", investiram contra os estudantes, armados de cassetetes e distribuíram o pau de sempre, encerrando os manifestantes no Campus Universitário, quando a manifestação se dissolveu. Após o encerramento da festividade, alguns manifestantes reuniram-se para tirar o saldo organizativo (...) da passeata.

Independente dos fatos noticiados, mostrando a tal farsa da "abertura democrática", convém salientar algumas questões, que, no calor de uma manifestação, às vezes são esquecidos: p.ex., a submissão das pessoas ao sadomasoquismo dos dirigentes, que parecem fazer

questão de apanhar e nestas passeatas ficam sempre esperando pela repressão, como se o objetivo desta fosse dar o corpo aos porretes e aos cães de guarda do regime.

É por tudo isto, ou apesar de tudo isto, que é importante que se faça uma crítica, que se analise uma manifestação destas, a sua forma, o seu conteúdo e, principalmente, o seu objetivo...

Não fazer número ou alinhar-se nas colunas dos militantes das lutas partidárias/parlamentares.

(reforçar as lutas parlamentares, procurando a força dos votos, é legalizar o sistema e a disputa pelo poder, e este tem que ser destruído...)

"A passeata não é novidade, eu sabia que ia sair. Já estava tudo combinado..." (De uma manifestante, quando foi lançada a proposta de passeata, pela mesa organizadora, no ato público, em Porto Alegre, dia 15 de março).

A primeira coisa que chamou a atenção, a quem participava apenas como massa de manobra, ou platéia, foi a observância criteriosa do "ritual": foi lida uma carta-aberta a uma "população" inexistente (onde procurava-se chamá-la à participação), a velhas palavras de ordem, berradas em coro, etc...

O rito implica, necessariamente, numa demonstração de poder, para a sua óbvia manutenção. Melhor ainda quando ele pode ser ostentado. E exerce função primordial de respaldo a quem dirige este mesmo ritual já que pela sua própria forma torna-se um ato não-racional, onde, portanto, não há espaço para um processo crítico de participação, muito menos para o debate.

A conclusão lógica é a de que qualquer forma de manutenção de poder é essencialmente autoritária e repressiva.

A partir de uma assembleia livre e aberta, a discussão crítica e o debate espontâneo, e não reprimido, levaria a formas criativas de ação não padronizadas.

É dentro de um processo revolucionário, qual seria o papel das passeatas? Ou manifestações públicas?

A passeata tem uma função contestadora, reivindicatória, e também como expressão de propostas políticas. Portanto, uma passeata, enquanto movimentação e expressão de propostas, pode ser utilizada tanto pela direita como pela esquerda. A distinção estaria nos seus conteúdos e nos seus objetivos.

Embora tudo que foi dito acima pareça uma

questão óbvia, justamente aí coloca-se a contradição: até onde uma passeata, enquanto forma, é coerente com seus conteúdos políticos e objetivos (p. ex.: num ato público realizado pela "Liberdade de Expressão", na UFRS, um colega foi mandado calar a boca, quando tentava expressar sua opinião...).

Mas, no caso explícito das passeatas estudantis, às vemos serem organizadas de forma autoritária e com o mínimo de participação da grande massa estudantil.

Basicamente a questão resume-se no desinteresse na efetiva e intensa divulgação da necessidade da participação e valor do processo de debate a nível de assembleias livres e abertas. E por que isso? Porque justamente a partir de uma organização político-partidária o autoritarismo é claro e não há espaço para uma crítica mais profunda.

E por que não há uma maior participação do grande número de estudantes? Dirão todos que a resposta é muito complexa, que é resultado da situação política do país, do processo de alienação, da desinformação, blá, blá, blá, blá...

Uma passeata deve ser resultado de um processo e do consenso e comunhão

de interesses, decididos em assembleias livres. Onde este processo de debate esteja vinculado aos objetivos da assembleia: a passeata não tem fim em si própria...

As contradições dentro de um regime de direita são os alvos do ataque de movimentos de esquerda, entretanto estes mesmos movimentos enganam-se quando menosprezam a influência que este mesmo sistema com (com todas as suas contradições) tem sobre suas formas de organização: o processo decisório, o autoritarismo, a hierarquia de poder, a manipulação política etc...

A questão das passeatas e qualquer manifestação contestatória não se dá sobre seu caráter de movimentação, mas sim como crítica à sua forma orgânica (como, na maioria dos casos, nos é dada pelo M E ...) A validade de uma passeata, como contestação expressiva, vai dar-se no momento em que haja uma real participação dos seus manifestantes, sendo tirada de um consenso destes e não como proposta imposta por um grupo retórico e autoritário.

Que surjam propostas alternativas de atuação, inovadoras e não dependentes as velhas fórmulas dos mesmos alquimistas...

Júlio/Zezinho/Adir

Gil: vestir o País todo de verde e amarelo para sambar no mundo? Qualé...

Gil começa falando (ele fala fácil, sem parar):

— Nesta minha última viagem aos Estados Unidos, (fevereiro/março), Marcuse deu uma entrevista onde ele rejeitava violentamente qualquer tentativa de enquadramento do fato artístico dentro dos parâmetros do fato social. Não que a arte — exatamente por ser gerada dentro de uma sociedade — não faça parte do fato social. Mas ela não pode ser analisada da mesma forma que o fato social, porque ela transcende. Ou seja, dentro da arte, há a inquietude dos seus criadores, o não alinhamento dos seus criadores, algumas vezes, à sociedade etc. E Marcuse é um pensador extremamente importante na — digamos — orientação de certas áreas de pensamento modernas. Então eu fiquei pensando, há cerca de um ano atrás, Jean Paul Sartre tinha dito a mesma coisa. Foi na mesma época em que Caetano, Gláuber e eu começamos a colocar as mesmas questões aqui. Na verdade, esse esquadrão daqui do Brasil faz nada mais nada menos do que um jogo do processo de mãos sujas natural que a política tem de querer, evidentemente, adquirir prestígio para suas áreas de intenção política etc., através de nomes que possam mobilizar camadas de uma população, principalmente a população jovem, que é o que mais interessa a eles nesse caso.

INIMIGO DO REI — E o que você acha desta situação?

GILBERTO GIL — Num certo aspecto fica até interessante, porque na vida é o único fenômeno relativamente democrático e relativamente político no Brasil; isso porque, por exemplo, a política oficial brasileira está muito aquém disso aí; o nível dela está bem mais baixo porque não se aprofundam nem divergências, não se distanciam nem esquerda e direita na maneira de, por exemplo, nós, no campo artístico, agirmos e estarmos agora aqui discutindo. Então quer dizer que isso é até saudável.

IR — A revista ISTO É publicou recentemente um auto-intitulado balanço da cultura brasileira. Na matéria, o Nirlando Beirão disse que em Refavela você teria cantado "as belezas dos conjuntos do BNH". O que você diz sobre isso?

GG — Eu não vi essa coisa, mas acho que qualquer homem comum, qualquer trabalhador daquela obra (aponta) entende. Quer dizer "a refavela revela o salto que o preto pobre tenta dar, quando se arranca do seu barraco pra um bloco do BNH". É a visão trágica, o caráter crítico do fenômeno está aí. Ele vê só a visão apologética? Ele é um ignorante! (Ri) A colocação é trágica. A frase "o salto que o preto pobre tenta dar..." "O verbo tentar na frase é muito claro, é muito nítido. Conota a setença toda com a sua dúvida, com o seu caráter trágico, com a incerteza, com a impossibilidade quase desse salto. Então, o imbecil diz que eu estou fazendo apologia de bloco do BNH! Ele é ignorante... Aliás, tem mais — isso não é ignorância. Isso é safadeza. Isso é hipocrisia. Porque ele sabe, ele não é ignorante a esse ponto de não entender português. Ele sabe que não é isso. Agora, como é uma coisa política e ele quer fazer uma investida guerreira contra as minhas hostes, então ele usa essa arma para colocar-se contra mim.

A última conversa que eu tive com o Nirlando foi uma conversa até interessante e pela impressão que também eu tive dele eu vou en-



tender que é uma coisa política que ele tá investindo com armas... Tá me dando um golpe pelas costas, mas, vá lá que seja, se é que ele e as hostes dele têm algum ideal maior. Que seja.

IR — Você veria por trás disso tudo, um posicionamento já preconceituoso na própria tentativa de domínio da cultura que está concentrada no Centro-Sul — ou que eles acham que está concentrada ali no Centro-Sul —, com relação às periféricas e principalmente àquela visão dos baianos que já é comum eles terem?

GG — Claro, isso é evidente. Isso funciona já a nível inconsciente, já a nível de cultura mesmo. Quer dizer, os caras mais jovens, justamente esses críticos, repórteres, articulistas etc. de vinte e tantos e trinta anos de idade, são pessoas que pelo simples fato de viverem isoladas na zona Sul, consumindo valores que foram herdados daquela cultura de zona sul, construindo cada vez mais uma visão apologética desses valores etc etc., acabam, inconscientemente, no momento necessário, tomando a defesa dessa cultura da zona Sul do Rio de Janeiro como um grande valor nacional contra outras culturas menores de periferia, de província, que manifestam-se e que por acaso ameaçam a hegemonia dessa cultura carioca. Isso é evidente, eles às vezes ficam injuriados quando ouvem alguma coisa desse tipo porque não passa pela cabeça deles a nível de consciência que isso ocorra, mas ocorre porque é um problema cultural. São meninos que nunca saíram, nunca saem, foram criados ali no Leblon, Ipanema, indo pra praia, saindo dos bares, não sei o quê, encontrando as garotinhas, paquerando isso e aquilo. Tudo muito bonito mais muito isolado, tudo muito aquilo ali mesmo e com uma proibição quase taxativa de alçar as vistas para qualquer outro horizonte. Então é isso que ocorre, esse processo evidentemente é inconsciente. Mas, isso existe e em alguns casos é político, é guerreiro, é arma usada conscientemente contra nós de Pernambuco, da Bahia, de onde quer que seja e em outros casos é inconscientemente, é um processo cultural de herança, uma coisa da gênese, da genética cultural do Rio de Janeiro, vai passando de geração a geração e o cara não se toca.

IR — No momento em que o Esquadrão utiliza essa pressão cultural do Centro-Sul, você não acha que eles estariam de certa forma estabelecendo um paralelo com o jogo do próprio poder ou a vontade de ter o poder? Como você veria isso?

GG — Sem dúvida, sem dúvida. O que mais passa pela cabeça do esquadrão brasileiro senão tomar o poder e transformar isso aqui em uma coisa que a gente não sabe bem o que é? Mas, de qualquer forma, segundo as minhas perspectivas, os planos deles estaria muito longe do seu-meu ideal (Ri). Eu acho que nada mais é do que isso, vendo o programa "Abertura" na TV Tupi, você nota claramente isso. É um programa onde as facções do centro para esquerda brasileira estão representadas através de alguns painéis e alguns quadros que são dados a eles. Então você vê claramente, você chega lá de repente e vê um representante de uma dessas estações de metrô do percurso centro esquerda brasileira, ali, com a tabuleta dele dizendo: "olhe, aqui é que é a parada, salte aqui porque aqui é que tem novidade, aqui é que tem isso". De Gláuber a Sérgio Cabral.

Tudo mundo ali. Um pouco dizendo "olha, tem mais swing aqui no meu barraco; a cachaça do meu é mais gostosa". Então é uma luta. Uma luta interna por espaço cultural. Agora, até que ponto essa luta interessa a intenções conservadoras por parte do poder que está aí, eu não sei... Até que ponto isso significa uma luta pelo poder, aí, sem dúvida, é mais claro. É, sem dúvida, uma luta pelo poder. São as esq... eu não chamo, nem gostaria de chamar de esquerdas... Essa coisa de esquerda e de direita num país como o Brasil é um negócio totalmente absurdo, totalmente kafkiano, totalmente caótico. Quer dizer — a esquerda está na direita, de repente; a direita está na esquerda. Uma análise marxista seria terrivelmente penosa nessas contradições menores e maiores. É muito complicado. Mas, de qualquer forma, eu acho que em alguns instantes essa crise (digamos assim) nas esquerdas interessa muito ao conservadorismo de direita, claro!.

IR — Nessas circunstâncias, como ficam a arte e a cultura brasileiras?

GG — Eu vejo a música, acima de tudo, com um grau de independência, inquietude, incontento. Eu vejo a música dominando o panorama como a coisa mais arrojada, atropelando esse páreo todo, por dentro, por fora, por todos os lados, explodindo para níveis imprevisíveis. Isso é o que ocorre com a música no Brasil. Isso a gente vê. A gente ouve uma música como, por exemplo, "sonho meu, sonho meu" e vê ali, naquela faixa, músicos reunidos no estúdio. Músicos de escola de samba, mais um guitarrista baiano, mais duas cantoras baianas, cantando um samba de uma compositora carioca que vem

da Zona Norte, que toca cavaquinho, que é uma mulher que ao mesmo tempo é um símbolo de feminismo no Brasil (uma senhora forte, quarentona, quase quinquenta) mandando brasa, defendendo seus direitos, uma feminista sem nunca ter sabido o que é feminismo. Então você vê todos esses espaços culturais juntos numa faixa de um disco, explodindo com uma força que rompe os ouvidos de qualquer um transeunte e emocional o coração de qualquer velho, por mais gagá que seja. A gente está muito na frente. A música toda, nossos sentimentos estão muito na frente. Pena que o nosso país seja atrasado pra gente. O país é muito atrasado; institucionalmente atrasadíssimo para todos nós. Nós estamos muitos anos na frente. A forma de beber de Chico Buarque num bar do Rio de Janeiro, por exemplo, é dez milhões de anos mais avançada do que qualquer reunião de gabinete a respeito disso ou daquilo que se possa fazer. Não estou falando de Chico Buarque poeta. Estou falando dele como homem.

Mas tem a censura que fica aí enchendo o saco, querendo que o ouvido brasileiro não ouça isso, não ouça aquilo, que o jovem não ouça aquilo do que ele já está sabendo, que ele já está tentando exercitar há horas.

IR — Existe uma visão de determinados artistas brasileiros de que a arte, para ser brasileira e para ser "coerente com a nossa realidade" deveria abster-se de determinados padrões estéticos, de qualidade etc. O que você acha disso?

GG — Eu pensei isso hoje ouvindo uma música de Fagner no rádio. Eu fiquei pensando — ora, veja só. Fagner, de repente, é identificado por uma grande parte da juventude universitária brasileira como o que representaria hoje o artista brasileiro. Ocorre que aquela música, tocada num rádio da França, da Bélgica, da Tchecoslováquia, dos Estados Unidos, de qualquer lugar, seria como música absolutamente internacional. Pareceria um desses progressismos do Yes. Para mim é uma dúvida tremenda: em que se baseia essa faixa da opinião para considerar o Fagner um artista brasileiro, enquanto o Caetano, digamos assim, para eles não o seria, ou seja, não estaria fazendo a música com um compromisso com o caráter nacional? Ou Gilberto Gil não estaria... (Estou colocando isso como exercício didático. Não estou julgando o Fagner nem ninguém). De repente, você pega, por exemplo, uma faixa de um disco de Geraldo Vandré e ouve, nitidamente, uma forma de cantar, uma construção de uma música, como se ele fosse um cantor chileno, como se fosse um cantor peruano, como se fosse um cantor argentino, com a dramaticidade do tango, aquela coisa portenha. Então, de repente, eu fico vendo e me perguntando: o que é que é brasileiro? Eu vejo Danilo Caymmi com uma música totalmente impressionista, como se fosse Debussy, Ravel etc., misturadas com certas coisas progressistas internacionais, um certo tempero de Beatles. Então, é uma barra pesada ficar querendo esse negócio... Se fossemos analisar a rigor mesmo, a única coisa que poderia ser considerada especialmente brasileira, nacional, seriam as coisas quase a nível folclórico, quase o que é pop chegando para o folclore. Samba de morro — onde

você encontra os instrumentos de percussão no sentido tradicional, aquelas formas melódicas que se desenvolveram através de um samba urbano, que vem sendo feito durante as últimas décadas — e o quê? Os baiões, as coisas com sanfona, a música nordestina toda e a caipira.

Uma Clementina de Jesus, uma Ivone Lara, um Martinho da Vila, um Paulinho da Viola... Tirando essas facções que podem ser chamadas de folk (seria a brasileira folk music), no resto é tudo híbrido mesmo. Todo ele almeja pelo menos um nível internacional. Um padrão não só de qualidade, mas de estética. O Brasil todo quer ser um pouco internacional. Isso não é de agora. Vem desde que a entrada dos Estados Unidos foi permitida aqui com Hollywood, com Coca-Cola etc. Essa querência brasileira do estrelato da galáxia universal é uma querência antiga, não é de hoje. Todos os jovens que apareceram nos últimos tempos querem ter um pouco de rock na música deles. Todo mundo ama os Beatles e os Rolling Stones. O Belchior quer um pouco ser Dylan, quer um pouco ser John Lennon. Todos eles! O Fagner quer ser o Robert Plant, um pouco. Todo mundo quer ser alguém, todo mundo inveja um pouco o que se passa fora do Brasil. As revistas todas: a Veja quer ser o Time; a ISTOÉ quer ser não-sei-o-quê, a revista Pop quer ser aquilo. Você encontra congêneres em Paris ou em Nova Iorque para tudo isso. Para o seu jornal, você vai ver que tem um underground lá em São Francisco, há mais de 20 anos. Quer dizer, o INIMIGO DO REI já estava lá... Então é isso. A gente é atrasado mesmo e só podemos nos adiantar um pouco no momento em que se entender isso e aí, pernas praquê te quero. Vamos correr, pô! Vamos andar, não vamos ficar mais discutindo se a gente devia estar vestido de verde e amarelo. Vestir o país todo de verde e amarelo pra poder ir sambar no mundo? Qualé!

IR — Você que esteve recentemente na África, como está vendo a tradicional ligação África/Brasil, dentro do contexto político que a própria África está vivendo agora?

GG — Isso é muito complicado porque há pelos menos dois níveis. Primeiro, o nível das necessidades e ambições reais das duas áreas, reciprocamente. Das suas culturas, dos seus diversos povos, dos seus sentimentos, da comunhão através do traço cultural, do traço religioso etc. etc. Isso, na verdade, merece algum cuidado. Eu acho que daqui por diante cada vez mais tem que se cuidar de nutrir — digamos assim — esse corpo, esses irmãos siameses. O outro nível é o nível a real politik e aí é desastroso como tudo da real politik. E a real industrie? É como a Volkswagen, de repente, fazer aquele negócio de plástico no pára-choque do carro pra poder quebrar mesmo e ter que substituir. Quer dizer, é essa safadeza natural do capitalismo. Tai há muitos anos e todo mundo sabe. É o negócio de fazer pra quebrar, fazer pra ser ruim, fazer pra ser podre, pra não prestar que é pra poder ser substituído. Para dar lucro. Então a real politik com a África é uma coisa que está nesse nível, no nível da diplomacia, quer dizer, dessas coisas de barata que morde e sopra e ninguém sabe nunca onde é que está a verdade, ninguém sabe nunca onde é que estão as intenções profundas, tá de acordo agora, tá em desacordo amanhã ou depois.

Caetano: "É tudo assim meio ridículo..."

IR — Baseado no material que a gente tem sobre você, constatamos a seguinte declaração: "Eu quero encantar as pessoas, o resto é papo furado, só acho bonito fazer as coisas que as pessoas digam: que bonito! E fiquem extasiadas. Eu sei que todo artista quer isso"

— Correio da Bahia 27.01.79 —. Agora, a partir dessa sua constatação de que o Artista quer agradar, como você analisa a posição dos intelectuais que querem forçar as pessoas a gostarem dos filmes de Nelson Pereira dos Santos, por exemplo? Arte que não atrai público, que o público não diz: que bonito!?

Caetano Veloso — É, sua pergunta é muito complexa porque inclui um julgamento da obra de um cineasta: Do qual, por exemplo, eu pessoalmente poderia dizer assim: se eu não gosto muito de "Tenda dos Milagres" por outro lado eu acho o "Amuleto de Ogum" uma obra prima, tenha o público ido lá ou não pra curtir. Entendeu? E essa vontade de agradar a que me refiro, é principalmente o que eu considero no ser Artista de uma pessoa, o desejo fundamental, que é um desejo de mostrar coisas bonitas que eu sei fazer, ou porque saem de mim, isso é um desejo fundamental que eu sinto em mim e vejo nos artistas, enquanto artistas. Agora, esse desejo se manifesta até pelo seu oposto, muitas vezes por uma ostensiva vontade de desagradar: não faço nada pra agradar ninguém. Muitos artistas fazem exatamente isso. E faz parte da transação do artista também uma posição de desagradar. Que é o assunto de agradar, né? O sentido do desagradar do artista é sempre recuperado por ele por uma idéia de que ele quer agradar tanto e tão bem que as pessoas não estão preparadas para receber o agrado. Esse negócio dos filmes que vocês falaram, acho que ficar julgando quem viu, quem gostou, está sempre fora do verdadeiro assunto de criar e apreciar.

IR — Você se referiu aí à questão da liberdade do artista de poder ser desagradável, ostensivamente desagradável, quando o quiser. Pelo que se tem dito sobre você, sobretudo através da imprensa do Sul do País, estão querendo cercar esta sua liberdade. O que você diz disso? Como você vê esse patrulhamento?

CV — Eu vejo assim mesmo como vocês estão dizendo. Eu acho que eles têm mais grilos de que você



saiba que quer agradar, do que você pense que quer desagradar.

IR — Você fez uma síntese da bossa-nova com o iê-iê-iê, na época dos festivais, quando despontou com "Alegria, Alegria" etc. Bem, a partir daí surgiram os grupos que o apoiavam e os que lhe criticavam. E houve aqueles que ficaram esperando sempre que você desse aquela palavra de ordem. Você não deu esta palavra. E agora eles o criticam por isso. Como você vê este aspecto?

CV — Tenho percebido isso. No que diz respeito à síntese do iê-iê-iê com a bossa-nova, isso inclui também muitos problemas de preconceito social. O grande problema, naquela época, era o status intelectual de quem gostava de música popular brasileira e que não queria se misturar com a "ralé" que gostava de iê-iê-iê, mas como tínhamos pretensões poéticas mais elevadas, mais ambiciosas, percebíamos que "sigo incendiando bem contente e feliz, nunca respeitando o aviso que diz "É PROIBIDO FUMAR" era melhor poesia do que a maioria da música popular brasileira sofisticada da época. Então, isso causou muito problema. Essa é uma idéia vaga do que motivo o choque.

IR — Seu trabalho é revolucionário a partir do momento em que você quebrou os tabus da música e do comportamento típico da classe média e dominante. É revolucionário como trabalho. A que você atribui a não aceitação desse fato pelo que se chama atualmente de "esquerdão" brasileiro?

CV — (Rindo). Gostei muito desta expressão "esquerdão": É muito nova para mim. Ainda não conhecia. Acho que ela é mais abrangente. Sinceramente, a esta altura da vida, eu

acho o seguinte: essa coisa de esquerda, meia-esquerda, grupos de esquerda, intelectualidade, aqui no Brasil, é tudo assim meio ridículo. Não há uma verdadeira representação na nata pensante brasileira das forças que realmente vivem no Brasil. Das forças imensas. Por isso que eu tenho falado constantemente nas minhas entrevistas que isso aqui é a África do Sul. Considerando que essa nata, com relação à realidade brasileira, é como se fosse os brancos na África do Sul. Aquela minoria completamente não representativa do país. E dominando. Quer dizer, direita ou esquerda dentro desse teatro é pra mim igualmente ridículo. Eu me sinto ligado a coisas assombrosas para este ambiente. Coisas que são em si mesmo assombrosas; para este tipo de ambiente. Então eu acho que essa é a razão de não haver aceitação por parte desse "esquerdão" e da repressão, com relação à minha curtição (ele ri da rima).

IR — A partir de 64 começou a surgir na mente da intelectualidade brasileira esta tendência para o patrulhamento... aliás, essa expressão...

CV — Ela foi como que cunhada numa agência de publicidade que tem dentro da cabeça do Cacá Diegues. Deu certo demais. Nunca vi uma expressão fazer tanto sucesso. Aliás, o Cacá era um sujeito sempre respeitado pelo "esquerdão" até que ele fez "Xica da Silva". (Filme dele que eu mais gostei). No que chegou a "Xica da Silva" quebrou alguma coisa, um elo; entre ele, Cacá, e essa sociedade anônima (Ri).

IR — Nós achamos que o que ocorreu com Cacá Diegues e seu "Xica da Silva" foi que ele, Cacá, derubou o preconceito criado por uma grande parte dos artistas brasileiros, de que a

arte, para ser brasileira, tem que ser mal feita, artesanal, quer dizer, "de acordo com o nosso atraso tecnológico" etc. Inclusive o Nelson Pereira dos Santos chegou a declarar isso...

CV — Não, quanto a isso, eu sou contra. Bem, o Nelson é um grande artista brasileiro e eu não me sinto nem capaz de deitar falação para julgar a obra dele, que é uma obra imensa. Agora, essa história de que, no "Tenda dos Milagres", a dublagem é propositadamente mal feita para não parecer com a Rede Globo, eu não gosto disso não. Eu não gosto de padrão de qualidade como prisão. Eu odeio. Mas não gosto também da falência. Não gosto de coisas que não dão certo. Eu quero que seja jóia. Por exemplo, "Xica da Silva" eu acho um filme maravilhoso.

Pra mim ele tem o que interessa. É lindo. Agora, o "Amuleto de Ogum" também é um extraordinário filme. É mais do que "Xica da Silva", até, assim como idéia, uma idéia maior, mais abrangente e mais profunda. E é irregularmente realizado. Não tem aquele acabamento uniforme de "Xica da Silva". Aquilo do "Tenda dos Milagres" — que falamos a pouco — eu acho que deu foi errado, mas o filme tem coisas boas.

IR — Mas há uma tentativa no Brasil de se fazer uma estética mal feita e depois dizer se que foi de propósito para fugir a padrões como o da Rede Globo ou de Hollywood. O seu trabalho se distancia bem disso, não?

CV — Eu não sei... Acho essa questão muito difícil de ser abordada. Acho que o que Nelson falou e que muitas pessoas falam às vezes — criar uma estética assim nascida da precariedade, da carência — eu acho que isso o Gláuber Rocha faz. Realiza totalmente de uma maneira grandiosa e faz uma grande arte. Eu, por exemplo, não me sinto muito distanciado dessa coisa. Sinto que o que eu faço é, digamos assim, mal feito, subdesenvolvido, pobre. Não é um produto bem acabado, como uma coisa assim burguesa, que você tenha aquele produto que não incomoda nada. Não é minha transa. E não tem nível internacional também. Com artistas como Gláuber Rocha, Bob Marley, com pessoas assim, o que acontece é que o nível internacional muda. Por exemplo — o nível internacional chega até a mim, não sou eu que chego até lá. Quando vejo "Deus e o

Diabo na Terra do Sol" ou quando ouço "No Woman, No Cry", ou qualquer coisa do Bob Marley, eu acho isso: não é padrão, não tem nada a ver com o que já estabelecido, mas é uma coisa que se impõe. Seria o mal feito diante dos padrões que já estavam colocados, mas ele é perfeito dentro do padrão que ele mesmo impõe, a partir da sua própria realidade. Eu acho que isso se realiza no cinema de Gláuber e também no de Nelson Pereira dos Santos. Mas Gláuber é mais. E eu acho que isso tem na minha música também. E na de Gil.

Entenderam minha resposta? Pois, é porque esta situação é muito complicada. Tem o momento em que de tanto se querer uma coisa que não seja hollywoodiana, Hollywood fica como o mais feio. Ficou muito tempo o cinema de Hollywood sendo considerado feio, que não é. As pessoas simplesmente imitavam os filmes europeus. Mas também, tem uma outra coisa: no cinema, como tem necessariamente na música, o mais importante é o artista que impõe, o ser que tem força e que consegue acionar suas forças.

IR — Voltando ao esquerdão, você acha que a repressão que eles exercem tem muito a ver com a necessidade de palavras de ordem por parte dos artistas?

CV — Acho que sim. Mas este não é o único motivo da repressão do esquerdão.

IR — O eixo Rio/São Paulo sempre colonizou o País inteiro e está sendo difícil colonizar a Bahia. Como você vê este fato? Existe um preconceito?

CV — Eu me identifico mais com isso. Eu faço o eixo Bahia/São Paulo na minha cabeça. Moro no Rio e acho o Rio um lugar maravilhoso. Mas culturalmente eu me sinto ligado por um eixo Bahia/São Paulo. Eu gosto de mostrar sempre, a cada momento, a minha independência daquela visão, que se tem no Rio, das coisas, porque eu tenho outra visão. Eu colonizo o resto do País (inclusive o Rio) a partir da Corte São Paulo/Bahia. Eu, baiano, mulato, do interior, do Recôncavo, perto dos pretos, de origem mais pra pobre, me sinto mais ligado com aquelas cabeças de São Paulo, um lugar industrializado, descaracterizado, realmente cosmopolita.

João Ubaldo: "Estamos no mesmo barco"

INIMIGO DO REI — Queremos ouvir sua opinião sobre este preconceito, este patrulhamento da crítica do sul do País, a ponto do Milôr Fernandes dizer que causa arrepios "essa praga de baianos."

João Ubaldo — Bem, ele disse isso há muito tempo. Eu acho que é uma prova de provincianismo, você dar importância a isso, simplesmente porque eles publicam coisas na imprensa do sul e nós publicamos na imprensa baiana. Uma coisa é você atribuir valores às pessoas, porque elas tem valor, ou peso, ou qualquer outra palavra que se use pra designar a importância que o intelectual tem em determinada circunstância. Eu acho um sintoma de provincianismo, não só de nossa parte. Por exemplo, agora mesmo a *Globo* está fazendo o maior *fuzuê* porque os americanos acham que a *Globo* está fazendo exatamente o que eles querem que ela faça, discoteca, não sei o quê. Eu fico com uma vergonha, você sabe, quando vejo aquilo. Se bem que eu não vou concordar com o cara que diz: "Você é um imbecil porque dança discoteca". Porque é a sociedade brasileira contemporânea, somos nós que criamos estas condições para que o menino ache que discoteca é que é a boa. É interessante que a realidade de geoeconômica brasileira reflita uma situação de dominação econômica em que nós vivemos e que as pessoas continuem atribuindo características inelutáveis. Nós temos uma economia que é basicamente centrada em São Paulo e no Rio de Janeiro e a periferia somos Salvador e outras cidades brasileiras. A isso se atribui uma condição intrínseca de superioridade a quem está lá, a quem está publicando na *Veja*, em *Isto É*, numa editora carioca, enfim, como se tivesse alguma coisa a ver com outra. Na realidade não tem. Pelo contrário. Os caras que estão lá, evidente que não voluntariamente, contribuem para este domínio econômico, para esta distribuição de renda iníqua, é esta a distância entre privilegiados e não privilegiados, no Brasil.

São Paulo gerou um Mário de Andrade. Se eu não citar vão dizer: se esqueceu de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Alcântara Machado, não sei o quê. Claro que não esqueci. Agora você olhe o

que é que sai de lá em matéria de arte no Brasil, o que é que sai do Rio de Janeiro, a não ser aqueles que se deslocaram para lá para ganhar uma grana como Carlos Drummond de Andrade, que é um grande poeta brasileiro que vive humilhado a ter que fazer gracinhas para o *Jornal do Brasil*, para ganhar a grana dele, que está lá no Rio... o que é de arte que sobrou?

Não produziu porque se esquecem que estamos no mesmo barco e que eles são a cabeça de ponte, não porque sejam ruins, mas porque são a área economicamente crucial do Brasil e são a cabeça de ponte de colonização a que o Brasil é submetido. Então você vê: lá, a arte carioca sai de onde? Ou ela não é assimilada, ou seja, o cara não publica, não faz, não é ouvido, não existe nenhum esquema onde ele se meter ou então esta arte é assimilada como de samba, quer dizer, é canalizada para a classe que consome, que somos nós, todo um esquema de divulgação de massa. Então, você veja, a literatura carioca se reduz, claro com as exceções de praxe, tem os caras bons, mas deveria ter muito mais do que tem. Por quê? Porque carioca da Zona Sul, que é quem consegue escrever, publicar, está escrevendo sobre problemas de cocainômanos, problemas de virgindade, enfim, problemas de Paris, de Nova Iorque, porque vivem numa cidade colonizada, a não ser na medida em que existem aquelas manifestações mais autênticas, ainda mais porque são cidades industrializadas, processadas; até a arte do crioulo carioca já está encaminhada para um negócio assim padronizado, organizado, que já foi digerido, entrou numa camisa de força. Os caras ficam fazendo um experimentalismo babaca, dizendo besteiras, cretinices. Ai olham para cá, para o Nordeste — também não é porque o Nordeste seja melhor do que São Paulo — mas o Nordeste pela sua condição de sub-subcolonizado conseguiu, teve como compensação a preservação de sua autenticidade nacional, de suas características mais fundas. Então eles olham para aqui e dizem: "mas que coisa autêntica, não sei o quê" e parece que só o que tem de autêntico no Brasil é o que sai do Nordeste, do interior de Minas. Podia sair do Rio, o Rio é uma grande cidade brasileira.

IR — E sobre o esquadrão?

JU — Não sei se estarei respondendo adequadamente à sua pergunta. Mas, como eu sou editorialista de jornal e tenho a responsabilidade de maior, conheço muito bem esse problema. Eu conheço, por exemplo, durante todo o tempo da repressão, o fato de que aqueles que têm a responsabilidade de expressar pela comunidade, não terem podido falar mal de um militar, de um governante, exceto dos vereadores. "A Câmara de Vereadores da Bahia é bando de imorais, escolhidos por um diabo especializado...". Porque por serem vereadores eles são diferentes de nós? Quem garante que nós não nos comparariamos com nossas diferenças individuais e de classe, como eles se comportam? No entanto, eles davam cacete nos vereadores, ou no serviço de limpeza pública, porque não podiam dar onde eles queriam. Você veja que intelectual brasileiro, hoje em dia — claro, com as raras e honrosas exceções —, desce o cacete no Governo com o mesmo caráter olímpico com que desce o cacete em Glauber Rocha? Como ele não desce o cacete no governo? Claro que dá os gozos. Mas vê se ele chama o presidente de dedo-duro, de traidor da pátria? Não chama. É um pouco o fenômeno a que Jorge Amado referiu-se numa entrevista ao *Folhetim* e que atribuíram também a mim, porque eu estava presente e fiz umas perguntas. Então, Jorge Amado atribui isso aos mesmos fatores. É mais fácil esculhambar você ou eu, do que esculhambar realmente o poder. Não só porque as pessoas estão acostumadas a um esquema de repressão, como porue tem uma lei de segurança nacional que coíbe estas coisas, como também somos frouxos porque não temos ainda o nosso Ayatollah. Então ninguém diz nada. Ficam falando bobagem. Só que não estão resolvendo nada enquanto falam contra Glauber, contra Gil, contra Caetano; estão apenas apontando posições que são tão boas quanto as de Glauber e Gil, porque as deles também não são. Porque Glauber e Gil se arriscam, como Caetano, em termos de alguma coisa, errada ou certa. Eles não, limitam-se a dar pau em quem profere palavras. Então, Glauber e Gil. Quem está na condição de opinar desce

o cacete nesses caras. Eles se voltam com tanta virulência contra quem? Mais ninguém.

A linguagem brasileira, hoje — claro que não é culpa deles, é culpa da repressão, não é culpa de ninguém... Eu não estou querendo aqui fazer acusação. Isso é ridículo, eu ficar falando de carioca. É exatamente o jogo da direita. Ficamos nós a nos xingarmos, enquanto os caras estão metendo na gente. Mas é necessário, numa hora dessas debater — desde o tempo em que se começou a proibir boa imprensa no Brasil que os jornalistas brasileiros são obrigados a se informar através de revistas estrangeiras. Como resultado disso, você pode observar que ficou na moda, nas chamadas revistas nacionais, estilos que não têm nada a ver com a língua portuguesa. Então você pega, assim, um texto de uma moça que eu não conheço, a não ser de nome, e que não tem culpa disto. Olha aqui (mostra uma revista) ela está falando sobre um livro americano: "Prêmio Pulitzer: onze milhões de cópias nos Estados Unidos..." Quem é quem diz uma cópia de um livro no Brasil? Diz-se exemplar. Em inglês se diz cópia (copy)... Quer dizer, nós hoje somos uma cultura dominada pela língua, pela cabeça; quer dizer, os romanos sabiam disto; onde está a língua romana, está Roma.

É por isso que há a luta de afirmação de nacionalidades como os Bascos, Catalão, como todas as tribos européias — porque lá só tem tribo, é tudo selvagem e fica querendo colonizar a gente — então, eles, as tribos lá, para manterem sua identidade, como reivindicação básica querem manter a língua, porque a língua é quem distingue o ser humano, mas nós estamos indo prá picas. Não percebem que estão fazendo o jogo dos outros... às vezes percebem. Como diz Glauber, ninguém sabe quem é da CIA.

IR — Como é que você vê o esquadrão brasileiro dentro deste contexto; passivo ou talvez colaborando?

JU — Para você respeitar a noção de esquerda, você precisa esquecer o fato de que no Brasil recente qualquer pessoa que não gosta do Presidente é de esquerda; o que é uma absoluta imbecilidade. A noção de esquerda perde o sentido. Qualquer liberal é



de esquerda. O liberal nunca foi de esquerda. O que é o liberalismo? O liberalismo é a ideologia do capitalismo, todo mundo sabe disso. Os

caras que querem o liberalism, igual na América, que gostariam que nós todos fôssemos como os americanos, tudo certinho, o Carnaval com liberdade de pensamento e tal; só que nos Estados Unidos existem outras condições. Então esse povo se considera de esquerda e é tido como esquerda. Quanto liberal que não tinha nada de esquerda foi torturado, preso, morto, desaparecido pelo governo brasileiro, porque era liberal, de direita. Só que a direita sofisticada, não a extrema-direita, mas é direita, como Jimmy Carter é de direita. Mas até Jimmy Carter aqui já virou para da esquerda. Já recebeu a mulher dele reivindicações de estudantes "de esquerda" brasileiros. Me parece que a esquerda brasileira ainda não abriu a boca para falar.

Mas não tem esquerda no Brasil. A maior parte da imprensa brasileira considera-se de esquerda. A *Tribuna da Bahia*, que é um jornal que eu edito, que é um jornal de atitudes liberais, é tido como um jornal de esquerda, o que é um absurdo. Já foi perseguido como de esquerda. Um jornal à direita de Jimmy Carter é de esquerda no Brasil. Talvez estejamos numa fase de transição e ainda não nos acostumamos à liberdade de expressão. Antigamente, antes de 1964, se falava: fulano é do Partido Comunista, sicrano é da AP, outro da Polop e assim por diante. Hoje em dia, o máximo que se admite e estar na ala jovem do MDB. É evidente que isto não é esquerda. É direita. Não que eu esteja condenando a ala jovem do MDB, mas eles são de direita. Claro que estão à esquerda da direita. A posição de esquerda no Brasil é um tanto idealista. A posição de esquerda é uma posição socialista. A verdade é esta. Você ficar pretendendo um regime parecido com o dos Estados Unidos, isto não é ser de esquerda.

(Quase) um hino

GERALDO MAIA

Nós somos a geração de março
Trazemos vendas nos passos
E fechaduras solitárias nos olhos
Nós somos a geração de agora
Não sabemos o dia em que estamos
À mercê da nossa demora
Nós somos a geração híbrida
De laboratório
Vivemos nos corredores
Entre horários afiados
E o descanso das sepulturas
Nós somos a geração estúpida
Ficamos sempre em dívida
Com a nossa dúvida
Então contestamos
Brigamos nas mesas dos bares
As boas notas tiradas
Nas aulas de covardia
Nós somos a geração sem voz
Sem olhos
E sem história
Somos a fundação da miséria
Somos cordeiros dopados
Somos o corte do grito
Somos o quadro-negro do não
Nós somos a geração da derrota
Somos as peças dos tecnocratas
Somos o som do arbitrio
Somos as cordas da repressão
Somos a cartilha das torturas
Somos a cria da censura
A gravidez prolongada
Da exceção
Nós somos uma geração de culpados
E ainda seremos culpados
Pela próxima geração
Por consentirmos sermos
Enquanto trocam os termos
Que a liberdade nunca ditou
Por consentirmos de estarmos
Ao lado do corpo abatido
Naturalmente
Como o corpo abatido
Somos culpados em máxima culpa
Por maximizarmos a desculpa
E minimizarmos
Fazer!
Nós somos uma geração castrada
Comemos pão com cocada
Nas reuniões marginais
Nós somos a raiz do mal
O radical doente
Mas, a pesar em nós
Essa loucura
Somos, de repente,
A cura! A cura!

Sonhar

Como sonhar?
Se meus sonhos são
meus únicos
pesadelos
quando acordo,
sonho...

Os vazios em mim
não são preenchidos:
eu os cerco, como
lembrança e alerta,
daquilo que algum dia
ali habitou ou
para aquilo que
deveria estar ali,
deveria...

Adir

Fedor

Que fedor!!!
Quando sento na patente
do banheiro,
para filosofar sobre
o mundo,
logo me vem à cabeça
aquele rolo,
pastoso e marrom
que ora repousa,
submerso,
abaixo do meu ânus...

Adir

SONHOS E REALIDADE

Não desista de sua aspiração à presidência americana
Não desista de sua viagem a Saturno
Pense na possibilidade de ser um cargueiro
Pense na possibilidade de ser eleito secretário-geral do PCUS
Considere aquele caso dos porões de lama do Congresso
Considere aquele caso de subornos e chantagens; topas?
Pensei num jeito e tu também de ir de disco voador a Londres
Pensei num jeito e tu também de desiluminar o Quartier Latin
Proclame um "estado anárquico" em Montreal, bem na Terre des Hommes
Proclame um anti-estado no seu solo natal
Não se desespere por não ter sido ainda rei da Inglaterra
Não se desespere por não ter sido eleito Papa em Roma
Que lhe ocorra um jeito de ir ao Vaticano a pé em romaria
Que lhe ocorra um jeito de ser premier em Katmandú
Não se esqueça de seus compromissos com Chris Onassis
Não se esqueça de seu jantar com Ibrahim no Beco da Fome
Salve os americanos da fome mandando-lhes coisas
Salve os indianos da abundância mandando-lhes bombas
Leve um conta-gotas e mate a sede no Sahel
Leve uma marmita e mate a fome em Bangladesh
Não se exaspere porque seu yacht está pra chegar
Acorde e continue mesmo acordado, senão morrerás de tédio
Sonhe e enlouqueça, desesperadamente sonhe.

Antônio Carlos Pacheco

Zero

Subtrai o intelectual do leigo lagrego; o religioso devoto, puro e fraternal do herege, cruel materialista, ambicioso; o homem socialmente normal do "louco", do "viciado"; a digníssima fulana Medeiros, dama da sociedade de Germana da Silva, mais conhecida como "mana

de todos", a prostituta; o sistema modelo almejado por muitos do despótico ditatorial; Hitler, Aristóteles e Jimi Hendrix de José; o branco, sangue puro e limpo do negro, suor nas veias e chicote na pela.

Quociente: ZERO!

Kátia Regina Borges

Minta

Minta para você mesmo, para seus pais, para seus amigos, para o professor, e pro resto?
Mais ainda!
Não faz diferença...

aquela que seu professor ensinou, e até aquela que você acreditou...

E daí por diante minta cada vez mais: viva sua própria mentira!
Se você não acredita nisto Não tem importância, minta...

Adir



Assine/colabore com "O INIMIGO DO REI". Basta que você mande um cheque nominal ou vale postal em nome de Antônio Carlos C. Pacheco, no valor de Cr\$ 100,00.

Se você quiser receber sua assinatura grátis, tire três (3) xerox do cupom e passe a três amigos. Envie os cupons e cheques no mesmo envelope e sua assinatura será nosso presente a você.

Ao Jornal "O INIMIGO DO REI"

Caixa Postal: 2540

40.000 - Salvador - Bahia

Desejo receber uma assinatura anual de O INIMIGO DO REI, correspondente a seis edições bimensais:

NOME:
ENDEREÇO:
CEP:CIDADE:ESTADO:

JAZZ

Quando se fala em JAZZ, atualmente, as pessoas, como já têm seus valores estabelecidos, imaginam logo um grupo de velhinhos decadentes com seus instrumentos acústicos ultrapassados ou aquelas grandes orquestras com os mesmos decadentes velhinhos. Nem tampouco esses velhinhos são decadentes e ultrapassados nem o jazz de hoje limita-se a essa tradição. O jazz, hoje, se tornou sinônimo de boa música, não tem idade, nacionalidade nem limites. É tudo muito improvisado, muito free, mas tudo a partir de muito estudo.

Mas hoje em dia são raríssimas as pessoas que conseguem enxergar isso, pois a juventude está quase toda voltada para a discoteca e os embalos de sábado à noite, a verdadeira importação da mediocridade, todas as músicas (se é que se pode chamar assim) com três tons, duas notas e uma batidinha (que qualquer criança é capaz) marcando o tempo todo. Se esquecendo de que quando os africanos chegaram à América o que mais os ocidentais aproveitaram para integrar a sua música foi justamente o pique dos tambores, aquele ritmo alucinante que fazia com que muitas pessoas perdessem a consciência, jogando-se contra o chão, batendo-se e se arranhando.

Por outro lado, temos a velha guarda (com exceção de uns poucos) só ouvem clássicos. Apesar de respeitar muito, não se pode negar que é uma música burguesa por excelência (como no Brasil que é pouquíssimo difundido) o sujeito se limita a comprar sua coleção dos principais compositores, chega em casa coloca o disco no seu aparelho último tipo, pega um copo de whisky (scotch, claro) e diz: "SOU SENSÍVEL, APRECIO A ARTE." E não sabendo que se Beethoven fosse vivo tiraria o chapéu pra HERMETO PASCOAL.

Conseqüentemente, o mercado fecha-se para o músico instrumental que, quando consegue gravar um disco, é roubado até não poder mais; se apresentar também não pode, pois não existem verbas. Vemos que as lojas e empresas patrocinam Sidney Magal, Nelson Gonçalves, discothèque importada, Rita Lee etc... Aí pinta um Nelson Ayres (músico, regente, compositor, orquestrador, arranjador, professor de música da escola de São Caetano (SP), músico de renome internacional que já gravou com músicos como: Astrud Gilbert, The Platters, Ron Carter, Ailton Moreira e Flora Purin. Sendo até convidado para integrar a banda de Buddy Rich), aí os caras viram a cara pro músico, esquecendo toda a estrada que ele traz nas costas por achar que o nome da sua empresa não tem importância comercial.

Como se fosse pouco, o músico tem a dificuldade do instrumento, pois o instrumental nacional é terrível, uma desgraça, a pior qualidade possível. Então, só resta ao músico comprar um instrumento importado; aí ele vai pagar taxas exorbitantes pra poder possuir um bom instrumento. Digamos que seja um pianista, que depois de muito sacrifício consegue comprar um piano Fender. Qualquer viagem que o instrumento faça, ele sofre uma desafinação, ou seja, todo o trabalho jogado pela janela.

Como se vê, está cada vez mais difícil fazer um bom trabalho musical, estudado, sem se corromper. Diante disso, propomos uma luta pela cultura (para que esta não se degrade por inteiro) pela música instrumental para que não seja trocada por nenhum produto de consumo. Pois, como diz o próprio HERMETO: "A MÚSICA É O QUE SUSTENTA O PLANETA TERRA."

SÉRGIO GUERRA

Cláudio Miranda

Poder, disciplina e loucura

Existe um ditado popular que diz respeito à loucura, comum às várias épocas e lugares. É aquele que diz que "de médico e de louco, todos nós temos um pouco". Estranho ditado. O médico, aquele que "trata" o "doente", e o "doente", são colocados no mesmo plano, iguais como perturbações possíveis em todos nós. Mas, na verdade, não nos parece gratuita esta comparação. Pois, na realidade, a história da loucura é uma história entre as diferentes "loucuras". Sendo que umas acabaram por predominar sobre as outras. A medicalização, ou seja, a loucura de se achar no direito de tratar/gerir os outros, derrotou a muito frágil loucura daqueles que visam ser diferentes. E diferente estamos entendendo aqui, em nossa sociedade disciplinar, a recusa de uma identidade, a não assinatura do Pacto Social, a não disponibilidade à Produção.

A ousadia deste tipo especial de pensar era imperdoável para a nova ordem burguesa. Como indivíduos disciplinados, sérios e razoáveis, poderiam conviver com o risco de surpresa, do lúdico, da alteridade que o louco e o seu discurso trazem à tona? E foi assim que, nesse período de transição entre a antiga ordem medieval e a

nova ordem burguesa, foi-se rompendo todo um diálogo precário que ainda existia entre o louco e a sociedade. Os leprosários vazios receberiam novos hóspedes. É O GRANDE ENCLAUSURAMENTO. O começo de uma série que ainda não acabou. Mas que razão frágil é esta que precisa marcar com o estigma da não-razão outras razões? O logos luminoso não suporta sua própria sombra. A loucura é esse crescimento que precisa ser afastado, ignorado da cabeça/razão.

Durante a Idade Média, a Igreja procurou associar loucura e tentação no objetivo de nos salvar. Mas quem nos salvará da intenção da Razão? Com a palavra, nossas sombras.

Se podemos dizer sem receios que existe uma evolução na história moderna do Ocidente, esta evolução é sem dúvida a das tecnologias disciplinares. Na ordem feudal estes poderes ainda não se faziam necessários. Isto porque a riqueza era principalmente extraída através da conquista, da apropriação guerreira de terras e tributos, enquanto a economia mercantil ainda tinha pouco peso. O controle desta ordem feudal baseava-se, então, principalmente na Repressão, representada na figura do Rei que pune exemplar-

mente o corpo do mau súdito. Por enquanto, as técnicas disciplinares ficavam restritas a certas instituições, religiosas, como os mosteiros.

Mas o desenvolvimento da economia mercantil e o posterior aparecimento das primeiras formas de produção capitalista fez com que surgisse, pela primeira vez no imaginário social do Ocidente, aquilo a que se chamou Questão Social. O fundo no qual pode surgir essa questão está no fato de que, pela primeira vez, a riqueza passou a estar associada à produção, ao trabalho. O trabalho é reconhecido como fonte de

todas as riquezas. Novos critérios passam a ser usados para classificar a população: os que trabalham e os que não trabalham. Novas questões surgem: como fazer trabalhar essa massa de desocupados? Como gerir a produção e os homens? E novas soluções: dar trabalho a todos, torná-los produtivos. Está aberto o campo para as técnicas disciplinares entrarem em cena. E com elas novos saberes também aparecerão: a demografia; a higiene; o assistencialismo; a criminologia; a psiquiatria etc.

É importante observar que todos esses saberes se

constituíram no mesmo processo com que foram constituídos e aplicados os poderes disciplinares. A criação de um novo poder disciplinar está intimamente ligada à criação de um novo objeto de estudo e consequentemente um novo saber; a prisão, o criminoso e a criminologia; o Centro Social, o marginal e o assistencialismo; o Asilo, o doente mental e a psiquiatria etc. A partir da instauração da ordem burguesa não sabemos mais ao certo onde começa o saber e acaba o poder e vice-versa, pois *saber para controlar é o outro lado de controlar para saber*.

A expansão e aplicação das técnicas disciplinares foi gradual mas sempre crescente. Certos grupos sociais mais vulneráveis e minoritários, acabaram servindo de cobaias na experimentação das primeiras técnicas disciplinares modernas para uma posterior ofensiva geral das disciplinas sobre o resto da sociedade. Estes grupos minoritários e marginais foram principalmente os vagabundos, os delinquentes e os loucos.

O caso da loucura é exemplar na ilustração do avanço dos poderes disciplinares: É verdade que a sociedade ocidental nunca aceitou totalmente os loucos, mas certas épocas,

como na Idade Média e Renascimento, o louco possuía um saber e este saber era respeitado e ouvido pois veiculava uma determinada verdade crítica sobre o jogo social. Mas, a sacralização da Razão e da Produção que vieram com a ordem burguesa, faz com que o louco vá aos poucos sendo despossuído, expropriado, primeiramente de seu saber, de sua fala e depois de sua autonomia e mesmo do seu corpo.

O primeiro grande passo desse processo que continua até hoje foi o chamado Grande Enclausuramento mas o espaço deste enclausuramento — o Hospital Geral — ainda não era um espaço disciplinar mas sim, repressivo. A preocupação era só de afastar do convívio social os marginais (vagabundos, delinquentes, libertinos, loucos etc). E, portanto, o louco ainda não era objeto dum saber especial. Este só surge quando foi criado um espaço disciplinar especial para os loucos: o asilo.

No momento em que Pinel liberta os loucos das correntes visíveis do Hospital Geral, os loucos ganham o estatuto de doentes mentais. E são presos às correntes invisíveis da ordem psiquiátrica nascente. *(este artigo foi baseado nas idéias de Robert Castel e Michel Foucault)*.

PAI HERODES:

“Filho bicha eu mato!”

Jufe, como é conhecido por amigos, é muito simpático demonstrando uma total despreocupação com tudo que o cerca.

Um único “problema”: ele é homossexual. E isso, por menos que seja observado em seu comportamento, é motivo de grande repressão, principalmente por parte da família.

P. Quando e como você sentiu que tinha tendências homossexuais?

R. Desde os 3 anos de idade (minha irmã sempre me dizia isso) eu já repudiava brincadeiras e, até mesmo, roupas masculinas. Mas foi entre 5 a 7 anos que eu senti realmente minhas tendências e tive a primeira experiência homossexual com dois primos e mais um garoto de rua.

P. E qual foi a sua reação depois dessa experiência?

R. Depois eu comecei a sentir remorso, achando que tinha feito uma coisa horrível. E prometi nunca mais fazer aquilo. Mas com 14 anos eu tive realmente um “caso”. A gente transou até os 17 anos (meus, pois ele era mais velho). E nesse tempo começou a explodir dentro de casa as fofocas e repressão.

P. E como seus pais viam você?

R. Meus pais sempre me trataram com muito carinho e atenção. Mas quando começaram a perceber meu comportamento, diferente dos outros irmãos, meu pai, particularmente, começou a me dar trabalho pesado, pegar na enxada, cortar meu cabelo (tentando manter minha aparência física de homem) etc. E numa conversa

que tive com ele, a primeira por sinal, tentando amedrontar-me dizia: “se eu tiver um filho bicha eu mato!” E isso me deixava pirado. Comecei a esconder meus atos. E foi aí que comecei a pintar toda a repressão sobre mim. E o pior (ou melhor?) é que cada vez mais eu sentia que era essa a minha e que repressão nenhuma estava conseguindo mudar meus pensamentos, desejos etc. Só influenciava em meu comportamento, pois era totalmente castrado de agir como eu estava a fim, tanto por parte da minha família, como pelas pessoas com quem convivía (colegas de colégio, vizinhos etc).

P. E as repressões familiares, como eram?

R. De todo tipo. Desde surras até chegar ao ponto de mandarem que eu saísse da mesa e fosse comer na cozinha. Isso meu pai geralmente é quem fazia. E meus irmãos (“os homens”) quando eu chegava em algum lugar que eles estavam, iam saindo de fininho prá ninguém sacar e procurando o caminho em que fosse possível nem ter que falar comigo.

P. E qual era o tipo de repressão dessas outras pessoas (vizinhos etc)? Como elas reagiam?

R. Os colegas não queriam minha companhia. Viviam soltando piadinhas a meu respeito. Os vizinhos, naquela fofoca toda que já é de costume. E ainda por cima com um prato desses. Mas eu sempre tive alguém que me aceitava (amigos, é claro).

P. E a família, de novo, nisso tudo?

R. Meus pais me deserdaram mesmo. Não querem nem saber. O único contato que tenho com eles é através de uma grana que minha mãe manda de vez em quando, que quase não dá prá merendar. Até os estudos tive que largar.

P. Tudo isso não lhe choca?

R. Claro. Mas o que mais me aborrece é a atitude que os meus irmãos tomam em relação a mim quando estão com pessoas que não sejam da família e eu chego. Eles tentam evitar de me apresentar como irmão e a tã mesmo de que essas pessoas me vejam.

P. E o homossexualismo?

R. O homossexualismo, em primeiro lugar, é uma barreira na vida de todo mundo. Pois ninguém ou a maioria das pessoas, está ainda com a cabeça aberta a ponto de aceitar o homossexualismo. Pra você ver como isso é tão enrustido entre as pessoas, eu comecei a sacar o que realmente significativa a palavra homossexualismo tentando ler em dicionários e a recortar toda reportagem sobre o assunto. Pois as dúvidas que eu tinha e as que eu estava a fim de tirar as pessoas não iriam me dizer, muito menos meus irmãos que nunca tiveram um papo realmente comigo e não seria sobre este assunto que eles iriam conversar, dialogar comigo. Mas eu vou à luta, porque acho que as pessoas têm mais é que me aceitar e aceitar o homossexualismo.

Entrevista concedida à Kátia Regina Borges.

Por um socialismo sem "vanguardas"

RICARDO LÍPER

O QUE OCORREU COM O SOCIALISMO?

Em quase um século de experiência, o socialismo onde se implantou vem desmentindo tudo que se pensava ser o socialismo nos primeiros congressos operários e na Primeira Internacional.

É impossível se ser socialista hoje com a mesma tranquilidade de ontem. Só os ignorantes, adolescentes e privilegiados dentro de organizações socialistas (Partidos Comunistas da Europa e os próprios governos) conseguem a proeza de ficarem tranquilos diante do monte de mentiras, retrocessos, alterações, negociações, oportunismo e exploração dos operários nos países socialistas.

É difícil para um socialista inteligente ficar de olhos fechados diante dos "hospitais psiquiátricos" da URSS, do terrorismo cultural e policial desenfreado de todos os países socialistas e, o muitíssimo mais grave, de cada vez mais aberrante diferença de salários entre intelectuais, técnicos e políticos do partido (a "vanguarda" da revolução) e os operários.

No início, essas notícias eram pouco divulgadas. O marxista dormia tranqüilo acusando a CIA de fabricar essas "mentiras" sobre os países socialistas e quando era mais inteligente justificava isso de uma maneira mais marxista, desculpando possíveis "pequenos" desvios dos objetivos principais como sendo estratégias dialéticas necessárias à construção do socialismo.

Mas o socialismo implantado foi piorando dia a dia. Com o surgimento da revolução chinesa, não quero nem citar o problema Trotsky, dois países socialistas marxistas vão gradativamente se afastando e finalmente — o que poderíamos chamar de o "gran finale" de uma ópera bufa — GUERREIAM-SE MATANDO OPERÁRIOS E CAMPONESES NA PRIMEIRA GUERRA SOCIALISTA e para completar a comédia é o imperialismo americano que, cinicamente, pede paz...

Será que Superman infiltrou-se em Moscou?

É a única explicação viável e não faltarão marxistas boçais que acreditarão nisso, se assim o quiser a chefia do seu partido. Porque se deve notar que outra decadência acentuada é no discurso do esquerdão. Parece que perderam a serenidade indispensável ao político revolucionário e passam a atacar todo mundo chamando, a quem ousa criticá-la, de direita, reacionários, e queimam pessoas notoriamente de esquerda com trabalhos e passadas revolucionárias nitidamente a favor das camadas oprimidas da sociedade. Acreditam em coisas inventadas e fantásticas para desculpar essa ou aquela aberração dos governos marxistas. Passam assim a ser alvo do riso e sua maledicência gratuita com todos, que não são tão ingênuos ou boçais como eles, dá na criação da primeira esquerda de direita que já existiu na história. Essa atitude de falsear a informação, recusar-se a analisar a realidade objetiva interpretando-a e superando-a dialeticamente para estágios mais avançados da percepção da verdade é de direita. É a direita que queima os adversários políticos pelo simples fato de queimá-los, não interessando se eles representam uma contestação necessária ao próprio desenvolvimento da civilização.

A direita é mentirosa, pretensiosa e censura tudo que lhe é inexplicável. Na ânsia de manter o poder ou conquistá-lo, a direita não mede esforços para liquidar os adversários. Se não fecha com ela e não segue de orelhas murchas suas ordens, passa a ser um herético e, portanto, alvo de todas as manobras para a eliminação.

O esquerdão age assim e, portanto, é tempestivo que se compreenda que o socialismo autoritário é de direita.

MAS... ONDE AZEDOU O GUIADO?

Embora seja importante a constatação da realidade socialista autoritária, da sua política de direita, de seu fascismo disfarçado de socialismo, o mais importante é a superação dialética ou encontrarmos onde ocorreu a infiltração do fascismo no socialismo. Onde a ideologia do operariado abriu as pernas e recebeu o falo fascista que a estuprou e reduziu à prostituição. Porque o comunismo autoritário não passa de um socialismo estuprado, violentado pela ideologia burguesa, ou, sendo mais preciso, pela noção pequeno-burguesa de que o movimento socialista deveria ser dirigido por "vanguardas intelectualizadas" que organizariam o operariado, dando-lhe "consciência de classe" num partido revolucionário (sic) para vencer o capitalismo.

Após a derrubada do capitalismo, essa vanguarda assumiria o controle do poder, nacionalizaria os meios de produção e planificaria a economia. Em resumo, a "vanguarda" dominaria os meios de produção e de comunicação para "educar o operariado" para a construção do comunismo. Foi aí precisamente que o socialismo foi estuprado pela pequena burguesia e depois, quando essa vanguarda (sempre oriunda da pequena burguesia) assumiu o controle do poder prostituiu-o a ponto de colocar camponeses contra camponeses sob o mesmo rótulo de socialismo.

Não há dialética que explique, não há materialismo histórico que agüente e precisa muita cuca para inventar coisas que expliquem essas contradições. Só mesmo, repito e insisto, o delírio total: Superman foi o responsável pela invasão, pela China, do Vietnam. Em resumo: o socialismo foi prostituído e virou brega.

O importante percebermos a causa. O socialismo não é um bloco monolítico, muito pelo contrário; quem pretende que a esquerda seja uma coisa só, dirigida por Moscou, é a "vanguarda" falocrata (Fidel com um charutão na boca é simbólico...) porque está visando seus interesses de classe oriunda da pequena burguesia.

O socialismo é dinâmico e variado.

Existe uma corrente importante do socialismo que diante dessa violação da ideologia proletária vê a solução num socialismo sem vanguardas. Um socialismo proletário, sem poder, sem intelectuais autoritários que dirijam o movimento operário, sem novas classes. A questão fundamental do socialismo passa a ser a contestação do poder numa sociedade socialista, uma vez que poder só é necessário às classes dominantes.

Historicamente, o que ocorreu é que uma facção intelectualizada da pequena burguesia, aproveitando-se duma das crises do sistema capitalista, apropriou-se do poder, oferecendo algumas soluções às crises econômicas do capitalismo, dentro duma visão industrialista do próprio capitalismo (socialismo para Marx é uma etapa dialeticamente superior do próprio capitalismo) e obteve uma certa vigência histórica. Operou, como era de se esperar, certo desenvolvimento, conseguindo equiparar sociedades feudais a sistemas modernos capitalistas de indústria, modernizou alguns países, mas efetuou uma parada histórica reacionária na revolução proletária o dirigismo pequeno-burguês, criou a "vanguarda" proletária que constituiu-se numa nova classe.

Daí é perfeitamente compreensível que o socialismo para Marx seja uma continuação — um estágio dialético superior, economicamente falando — do próprio capitalismo e que a vanguarda surja para dirigir o processo.

É perfeitamente coerente a teoria marxista e o que ocorre nos países socialistas. Está tudo expresso no "Manifesto Comunista" e em "O Capital".

Agora, para assumir o controle do poder e exercê-lo em cima do proletariado seria necessário haver uma justificativa ideológica. Seria necessário criar-se uma ideologia, no sentido marxista do termo, para justificar a necessidade de a vanguarda dirigir a revolução e o Estado Socialista Autoritário. Essa ideologia de classe pequeno-burguesa é a teoria da necessidade do estágio preparatório do Socialismo para a estruturação do comunismo. Isto é, em resumo, a mesma justificativa que Maria Antonieta tinha para o exercício do poder "por direito divino". O povo é imaturo para a democracia. E, se quiserem, o argumento chave do colonialismo: os povos colonizados precisam de nós para civilizá-los. O proletariado precisa da "vanguarda" para conduzir o socialismo, educá-lo, guiá-lo ou coisa que o valha.

Em matéria de ideologia, as classes dominantes, decididamente, não têm imaginação...

QUEM ERROU?

Não adianta ficar procurando quem errou. Ninguém errou. De Marx a Mao Tsé-Tung está implícita a noção de vanguarda e a organização monolítica do partido comunista. Stalin foi tão necessário como Lenin e tão face da mesma moeda que é estêtil ficar culpando-o quando a culpa é da estrutura do socialismo de vanguarda. O que houve não foram Stalins, essa análise é simplista e oficialista; o que há é um socialismo que comporta no seu seio o embrião de uma nova classe. A monstruosidade de um Stalin e o grotesco de um Fidel Castro são conseqüências e não causas.

O socialismo autoritário é de direita. É a única maneira de explicar sua história e seus porquês. A outra é apelar para Superman.

Outra coisa importante é perceber-se que um socialismo proletário não é a continuação do desenvolvimento industrial capitalista, condição objetiva, para Marx, da revolução socialista — mas uma revisão do industrialismo numa economia autogestionária. É um parcial rompimento com o que existe de inchaço capitalista no seu desvairado sistema industrial. O que cria as condições para a mudança é o desenvolvimento do capitalismo, que estoura suas próprias contradições, mas cabe ao socialismo revisar o desenvolvimento industrial para criar o equilíbrio ecológico.

Isto em termos de marxismo é heresia, porque está bastante claro no "Manifesto Comunista", para só citar uma fonte mais conhecida, que as condições fundamentais para a passagem do capitalismo para o socialismo é o superdesenvolvimento do capitalismo e que a passagem do socialismo para o comunismo é o superdesenvolvimento industrial socialista. Logo, o caminho da construção do comunismo é a poluição... Espantoso é perceber-se, aí também, no seio do planejamento econômico do socialismo autoritário, concepção pequeno-burguesa de desenvolvimento.

Mas esse acidente histórico por que o socialismo passa é um desafio ao seu próprio desenvolvimento.

O socialismo autoritário é uma etapa, um atraso, uma coisa reacionária que ocorreu dentro do movimento operário. Daí, inclusive, o seu sucesso quase que imediato. Mas, com sua, já acelerada, decadência, começa a ser superado dialeticamente por formas mais à esquerda e a ideologia proletária volta-se para uma nova forma de socialismo: um socialismo sem vanguardas para a construção de uma sociedade sem poder.

Enfim, uma sociedade verdadeiramente socialista porque o resto não passa de variações que o capitalismo, o industrialismo, a planificação econômica criaram e que chamam, às vezes, de socialismo, mas nós, que já estamos na idade de perder a inocência, temos a obrigação de separar o joio do trigo...

BIBLIOTECA



Uma escola para o povo

"A escola, como instituição, não apenas não tem o poder para modificar a estrutura social como, mais do que isso, geralmente confirma e sustenta essa estrutura." Maria Teresa Nidelcoff.

Ninguém pode cobrar de Maria Teresa "coisas novas" em seu livro sobre o problema da escola institucional na Argentina e no mundo. Ela não traz "coisas novas" e sim questionamentos revolucionários sobre o papel da educação na sustentação e perpetuação da sociedade de classes.

A autora condena os professores que vêem na escola apenas o lugar físico do aprendizado e que ignoramos que seus alunos procedam dos mais variados estamentos sociais. E que, ainda mais, fingem ignorar que a escola não pode aplinar essas diferenças de classe. Para o professor alienado (a que a autora chama de "professor-policial"), apesar das diferenças sociais, nas escolas "todos têm as mesmas chances". Maria Teresa prova justamente o contrário, prova que o aluno vindo das classes trabalhadoras estará vivendo fora de seu habitat natural, lendo nos livros a realidade e a história dos vencedores (a burguesia e outras classes dominantes da história) e não a sua realidade de miséria e a história da sua classe.

Diz a autora que o aluno-operário toma contato com uma cultura que lhe é imposta, a cultura burguesa; a escola não procura lhe dar oportunidade de mostrar a cultura da sua classe que é tão rica quanto a de qualquer outra. Os livros escolares apresentam o ideal de vida da segurança, do automóvel, da poupança, coisas que não dizem respeito ao escravizados do dia a dia.

O livro ainda estabelece uma dialética entre o "professor-policial", aquele que perpetua a dominação de classe, e o "professor-povo", o que mesmo reconhecendo as limitações da escola, tenta mostrar aos seus alunos a irresistível solidariedade que deve haver os oprimidos porque, afinal, o professor também é um trabalhador. O "professor-povo" não impõe uma cultura, nem a sua nem a do sistema; ele procura, muito mais, aprender com seus alunos a cultura destes e com isto tentar ajudá-los nos caminhos possíveis de libertação. Libertação que não é só de uma classe, a operária, mas é a da humanidade inteira.

UMA ESCOLA PARA O POVO, de Maria Teresa Nidelcoff, Editora Brasiliense, São Paulo 1978; 104 pp; Cr\$ 80,00.

Antônio Carlos Pacheco

Os despossuídos

Ursula K. Le Guin parece ser a pioneira de um gênero literário bastante insólito: a ficção científica anarquista. Talvez pudéssemos considerar como seu precursor a "Utopia", de Thomas Morus, se uma leitura mais atenta não nos revelasse ser esta obra, na realidade, a apologia de uma sociedade patriarcal e escravagista. O livro de Ursula começa com a viagem do físico Shevek, de Anarres, planeta anarquista, para Urrás, mundo semelhante ao nosso, de onde partiram outrora os povoadores de Anarres como exilados. A autora aproveita o contraste entre as duas sociedades para, à maneira de Robert Heinlein, colocar seus personagens em discussões filosóficas (sobre a vida, o sofrimento e, é claro, o anarquismo) mas, felizmente, sem o moralismo beato do autor de "Um Estranho Numa Terra Estranha".

É essa noção de contraste que vai marcar todo o nosso itinerário político pelos dois mundos da novela: pois se a sociedade de Anarres é libertária, ela o é em relação à sua opositora em Urrás, e se esta é autoritária, é devido ao seu equivalente oposto em Anarres.

Mas não se iludam com isso, achando que "Os Despossuídos" é a estória de um paraíso perfeito, uma apologia romântica do anarquismo enfeitado com nave espaciais. Aplicando a dialética à literatura, ela nos mostra uma sociedade onde ainda subsistem traços da antiga ideologia; onde o coletivismo, tornando uma obsessão, sufoca a individualidade dos cidadãos. Ironicamente, Shevek descobre sob as formas espetaculares da sociedade urrasti, alguns aspectos que fazem falta em seu mundo. Nihilismo? Não, apenas uma constatação: mesmo o anarquismo, transformado em consenso majoritário, perder seu caráter revolucionário; torna-se Doga, senso comum.

Com impiedade e talento, Ursula K. Le Guin põe em cheque alguns dos mais arraigados mitos da (s) esquerda (s): o apelo ao sacrifício, o culto das lideranças, os ideais ascéticos. Seu personagem representa o anarquista mais radical; aquele que não hesita em desafiar até os princípios libertários, quando estes se sedimentam em ideologia.

Nota: outros aspectos dessa obra mereceriam uma análise mais atenta: as questões de física e da sexualidade, por exemplo. Esta última cumpre uma função absolutamente asséptica, ela é necessidade e não desejo. O prazer sexual é substituído pela noção de trabalho. "O trabalho é o prazer mais duradouro da vida," diz Shevek. Isto parece confirmar a teoria de Freud sobre o aumento da repressão em relação ao progresso da civilização. Aliás, "O Mal-Estar na Civilização", deveria ser leitura obrigatória para todos os utopistas demasiado otimistas.

Marcus do Rio

Uma Alegoria da Sociedade Burguesa

Poucas obras de Stig Dagerman foram traduzidas para a língua portuguesa. Assinalamos apenas "O Vestido Vermelho", romance, edições Portugália, Porto, e um conto traduzido por Daniel B. Brito publicado pelo suplemento do Jornal do Brasil em sua fase concretista. Agora a Civilização Brasileira vem de lançar a "Ilha dos Condenados", em tradução direta de Birgitta Lagerblad de Oliveira.

Dagerman nasceu em 1923, na Suécia. Seus pais foram operários inteiramente voltados para a dura tarefa de sobrevivência. Cedo dirigiu-se para Estocolmo, onde tomou conhecimento do bem estruturado movimento anarco-sindicalista sueco, ao qual permaneceu engajado até o fim de seus dias. Esse movimento é representado pela central operária SAC (Sveriges Arbetare Central organisation) e pelo seu porta-voz diário, o jornal "Arbetaren", no qual Dagerman iniciou a publicação de seus trabalhos literários.

Desde a publicação de seu primeiro romance, Dagerman foi considerado pela crítica do país como um gênio. O melhor da sua produção surgiu entre 1945 e 1949 e são quatro romances, contos, quatro dramas, artigos, críticas, crônicas, poemas etc. De uma fase de intensa produção, segue-se a final em que quase nada publicou. Aos 32 anos, acometido de grave crise nervosa, pôs fim à vida de modo dramático e inesperado.

A "Ilha dos Condenados" é a alegoria de nossa sociedade com todos os conflitos e contradições. Sete naufragos, cinco homens e duas mulheres conseguem atingir uma ilha que é habitada por aves marinhas e repugnantes lagartos. Um barril de água e escassos alimentos pressupõem um fim inevitável: a morte das sete personagens. O autor faz uma terrível análise de nosso mundo afetuoso e podre. Não há concessões possíveis, o militarismo, a exploração, a dominação, a religião, a alienação, a moral sexual, o amor mercenário são postos a nu e irremediavelmente reduzidos a quase nada. Um romance brutal e chocante. É leitura mais do que recomendada.

A Ilha dos Condenados, de Stig Dagerman, Editora Civilização Brasileira S.A., Rio 1979; 242 pp; Cr\$ 120,00.

José Liberatti

CALIBRES

Opinião sobre autogestão

Caros senhores:

Um amigo ofereceu-me vossa jornal "O INIMIGO DO REI". Li, gostei e embora em trânsito no Rio de Janeiro, resolvi dar a minha opinião sobre Autogestão, um tema tanto em voga nos dias que correm.

Gostaria de a ver publicada em vossa jornal. Logo que me estabeleci entrei em contato para pedir o jornal. Grato.

FRANCISCO RODRIGUES.

A autogestão — na prática — é muito anterior à teoria, tem sua história própria. Olhando para trás, vamos encontrar suas raízes no sistema de "Pozo", na China; no lcaro andino, com o "Aullu"; no México com o "Calpulli"; no Brasil, com o "Quilombo de Palmares", (1600/1694) e na "Colônia Ceclia"; em Moçambique, com "Os Marcondes"; em Portugal, "Vilarinho da Furna" e "Rio Onor"; na França, com a "Comuna de Paris"; na Rússia, em 1905, 1918 e 1922; na Grécia; na Itália; na Argélia; na Iugoslávia; na Índia; no Japão; e na Espanha, durante a Revolução de 1936-1939.

Em Israel, os "kibutzim" datam de 1910, enquanto o Estado nasceu em 1948.

Nesta rápida passagem pela história de autogestão, não a situamos em termos libertários, salvo a experiência vivida durante a Revolução Espanhola. Tais experiências tiveram sempre como inimigos as forças externas poderosas ou o poder neutralizador do Estado a limitar-lhes a expansão, a reduzir-lhes os meios de sobrevivência, a cavar-lhes as sepulturas.

Autogestão, estudada aqui e agora, leva-nos a um exame em profundidade.

A base da sociedade é de produção de todos os bens necessários à vida. Compõe-se de uma organização de forças vivas (trabalhadores) que usando a técnica e a máquina produzem em razão de um esquema de oferta e procura previamente elaborado pelo sistema capitalista, onde o dono do produto do trabalho assalariado é sempre o patrão.

Este possui as fábricas, as máquinas e todos os bens de produção e, ipso facto, domina os centros de trabalho, sua organização, e o sistema capitalista de produção domina o sistema capitalista de organização.

Desta ditadura comercial resulta que uma parcela pequena da sociedade detém a riqueza e a grande maioria fica com a pobreza, e, con-

seqüentemente, ganha forma a "mais-valia" (por meio do trabalho assalariado) em razão direta de produção não paga pelo capitalista.

Assim, a produção está esquematizada dentro dos propósitos da exploração do trabalho operário.

Por outro lado, a propriedade no seu processo jurídico — ainda que "legalmente" registrada — caracteriza-se pelo domínio de quem a possui. E, convertida assim em propriedade privada dos meios de produção, ganha forma de poder na classe possuidora, vale como instrumento de domínio material e social no processo da produção, cujos frutos alimentam seus detentores e aqueles que diretamente não extraem a "mais-valia" do trabalho assalariado, mas constituem a casta dos burocratas que cobram sua parte sob forma de impostos.

Só a eclosão de um movimento revolucionário, baseado nos princípios da igualdade social, ao derubar e destruir o sistema capitalista e suas estruturas, poderá a nível de base, pôr em franco funcionamento a produção, distribuição e controle, paralisados com a derrocada do regime conservador, em condições, mobilizando os instrumentos ideológicos catalisadores de forças autogestionárias duradouras.

Para isso impõe-se a necessidade da socialização dos bens, (não nos referimos a nacionalização, não é a mesma coisa) o domínio absoluto dos processos de produção em todos os campos de trabalho, com abolição do assalariado, o controle total da distribuição, consumo e obtenção das matérias-primas. É aqui que entra, com toda a segurança, a autogestão, como elemento produtor dentro do novo sistema para substituir triunfalmente a máquina governativa do capitalismo.

Autogestão atuará como órgão importante na transformação do sistema de produção-distribuição-administração, mas não é, por si só, a nova sociedade. Cada campo, cada fábrica, cada oficina, cada mina, cada pólo de produção será um reduto autogestionário, integrando de forma global, a nível local, municipal, regional e nacional, a nova sociedade, materializada pelo sistema de trocas de produtos armazenados e distribuídos pelas comunas.

Sem funcionários pagos em moeda, autogestão, na sua forma mais pura terá de ser administrada pelo sistema de rodízio, onde um secretário, conselheiro técnico e

revisores calculistas, exercem funções puramente administrativas, e não diretivas. São encargos dados e aceitos livremente, cumpridos escrupulosamente, já que suas atribuições não são de mando mas de trabalho; não impõem idéias ou vontades próprias, mas executam resoluções tomadas em reuniões dentro de cada coletivo.

As assembléias gerais, frequentes, promovem as substituições não só porque as funções são encargos e não privilégios, mas também porque contribuem para a educação de todos ao mesmo tempo que quebra os desejos subjetivos de liderança que irão fatalmente surgir nos primeiros tempos.

Autogestão ou resulta da ação direta ou fracassa. Por meio de concessões governamentais nunca se chegará à autogestão libertária!

Isto porque autogestão é uma obra experimental, inacabada, que precisa evoluir constantemente, receber sempre e sempre impulsos renovadores de aperfeiçoamento e vitalização. Sem isso acaba caindo na rotina, entra em estado de esclerose, aburguesa-se e morre como está acontecendo em Portugal (1978-79).

De autoria de Artur de Piero
Gouveia, este é o terceiro Caderno
de Autogestão que O INI-
MIGO DO REI oferece aos seus

AUTOGESTÃO - III

I — HETEROGESTÃO: EXPLORAÇÃO, ALIENAÇÃO E DOMINAÇÃO.

O socialismo libertário caracteriza-se pela aspiração à autogestão das empresas e do conjunto da vida social. Somente ele poderá satisfazer às necessidades conjuntas dos produtores.

Observando atentamente a sociedade de heterogestão em que habitamos, podemos constatar três aspectos interrelacionados: a) a exploração; b) a alienação; c) a dominação.

A EXPLORAÇÃO

Os trabalhadores vendem sua força de trabalho. Eles são para as empresas capitalistas "máquinas vivas", "robôs. O produto de seu próprio trabalho não lhes pertence.

Ser explorado é, portanto, não receber o fruto de seu trabalho, mas um simulacro a que se denomina salário.

Sendo o trabalho, anual e intelectual, a única fonte de riqueza, o capitalismo e o socialismo de Estado o consideram apenas como capital. Somente interessa a lógica do lucro. Entretanto, a exploração não está apenas ao nível dos salários. Ela se manifesta em todos os aspectos onde a dinâmica do capital domina a do trabalho: no urbanismo, nas habitações, nos transportes, na cultura, no lazer, no consumo etc.

O trabalhador é submetido a uma exploração está sempre presente onde o lucro domina.

A Alienação

A palavra alienação tem um sentido antigo, dentro do domínio da psiquiatria, e serve para denominar a pessoa totalmente desequilibrada, louca. No sentido a que nós queremos referir, é o modo de experiência em que a pessoa não se sente como a criadora de seus atos e passa a projetar em objetos externos e instituições seu próprio poder. Nas empresas, os trabalhadores estão alienados porque são obrigados a produzir coisas que estão separadas dos interesses e alcances de quem os produziu, para se transformarem em mercadorias. Os trabalhadores estão alienados porque o produto do seu trabalho não lhes pertence, lhes escapa. Há a separação entre o produto e seu produtor.

Na sociedade de regime capitalista de livre empresa ou na capitalista estatal (socialista), a publicidade impõe um certo tipo de consumo. O produto é um objeto a ser vendido para se obter lucro, antes de ser instrumento de satisfação de necessidades reais. Há diferenças marcante entre necessidades ver-

dadeiras e necessidades de consumo impostas pela propaganda do rádio, TV, cinema e jornais.

A Dominação

Estar dominado é ser uma marionete uma roda dentada numa estrutura de poder dirigida do ápice. Os patrões, quer sejam os diretores possuidores ou os representantes do capital, detêm toda a autoridade e o poder de mando. São sempre eles que decidem pelos trabalhadores nos problemas das empresas que são relativas aos trabalhadores.

Nos regimes ditos "socialistas", isto é, de capitalismo estatal, o mesmo fato ocorre. O patrão é o estado e a classe burocrática, que detém o poder, decide pelos trabalhadores, sem consultá-los.

Quer num regime ou noutro, os seres humanos são, na totalidade, considerados incapazes. A situação será sempre a mesma quer os operários estejam inseridos numa estrutura paternalista e autoritária clássica ou numa estrutura modernizada.

Traçar a perspectiva de uma sociedade libertária de autogestão é contestar essas três características do capitalismo ao mesmo tempo. É passar de uma situação a dependência, onde os seres humanos são apenas objetos, a uma situação de liberdade, na qual os seres humanos tornam-se autores responsáveis de suas vidas e atividades.

Construir a Autogestão Libertária é, a um só tempo:

1. Suprimir a exploração definida pela lógica do capital e conseqüentemente do lucro. É, portanto, expropriar o capital e instituir a posse social dos meios de produção.

2. Lutar contra a alienação do reino da mercadoria. É, portanto, desenvolver uma planificação libertária que coloque a produção a serviço das reais necessidades humanas.

3. Por fim à dominação de uma maioria por uma minoria nas estruturas do poder hierárquico. É, portanto, romper as estruturas hierárquicas das relações sociais atuais, afim de atingir relações sociais igualitárias.

A autogestão é o denominador comum desses três eixos de construção da sociedade libertária:

— Não há posse social dos meios de produção sem controle coletivo desses meios. Afirmamos, controle coletivo e não controle do Estado. A posse social dos meios de produção só tem vigência numa perspectiva de autogestão.

— Não há planificação libertária sem discussões em todos os níveis de decisão e sem autogestão.

— Não poderá haver nascimento de relações sociais mais igualitárias

sem divisão e controle efetivos do poder de decisão, sem autogestão.

II — AUTOGESTÃO E POSSE SOCIAL ESTÃO SEMPRE LIGADAS

1. No sistema capitalista a propriedade dos meios de produção e de troca gera todos os direitos:

— direitos de usar os meios de produção. Os donos da propriedade utilizam e gerem como querem as empresas. É a propriedade que fornece o poder de decisão em todos os níveis.

— Direitos de lucros. São os capitalistas que recebem os lucros decidem os investimentos etc. Os trabalhadores, verdadeiros criadores das riquezas, não têm nenhum direito nesse sentido. Remunera-se apenas a força de trabalho, ao preço mais baixo possível.

— Direito de abusar da propriedade. Os proprietários podem decidir a venda ou o fechamento de uma empresa, sem que os operários, que de fato constituem a empresa, possam opinar e decidir. Para os proprietários, só contam o poder do capital e a lógica do lucro.

2. Numa perspectiva de autogestão libertária, a situação é radicalmente diferente; trata-se de substituir o poder do capital pelo do trabalho.

A autogestão libertária implica numa expropriação do capital. Afirmamos a necessidade de que os trabalhadores tenham o poder de decisão nas empresas, que obtenham os benefícios do fruto de seu trabalho.

A posse social não tem sentido sem a autogestão, que supõe efetivamente uma socialização da propriedade e dos direitos que lhes são ligados.

Numa sociedade libertária, o controle dos trabalhadores de cada empresa, dos utilizadores de cada equipamento coletivo, está necessariamente limitado pelos direitos dos trabalhadores de outras empresas e dos utilizadores de outros equipamentos coletivos.

Contrariamente às propriedades capitalistas de livre empresa ou estatal, a posse social não fornece nenhum direito absoluto aos trabalhadores das empresas ou aos membros da coletividade autogerida. Os interesses parciais de um grupo não devem ir de encontro ao interesse geral. Isso porque, nesse nível, o desenvolvimento da autogestão ligada à posse social depende da consciência social dos trabalhadores.

É somente no quadro global da posse social — inseparável da autogestão — que terá fim a existência do Salariato como ruptura entre o trabalhador e seu produto, o trabalho e o fruto do trabalho, numa

supressão das relações de dominação do capital sobre o trabalho. Suprimido o salário, cada produtor seria suprido segundo as suas necessidades básicas de vida.

III - AUTOGESTÃO E PLANIFICAÇÃO LIBERTÁRIA SÃO COMPLEMENTARES

Em economia capitalista, falar de planejamento denota, às vezes, um abuso de linguagem. Na sociedade capitalista, o planejamento não é de nenhum modo guia do conjunto de atividades econômicas; é o lucro o único motor da economia. O planejamento tem por função principal organizar as ações e as intervenções do Estado numa orientação favorável aos interesses capitalistas. Trata-se de uma planificação da função econômica do Estado e não de uma planificação da atividade econômica em seu conjunto.

Para o socialismo libertário, autogestão e planificação democrática são complementares. A autogestão que instaura uma direção coletiva da vida social e econômica, implica, a nível global, num plano que é a resultante da coordenação das diversas unidades econômicas e sociais descentralizadas.

A autogestão qualifica um processo coletivo de decisões, enquanto que o planejamento é relativo a um modo de organização da vida econômica e social.

Não é possível conceder um plano democrático em suas finalidades sem que ele o seja a nível dos meios. A dinâmica da autogestão, nos quadros de uma planificação democrática, visa a fornecer um espectro onde os problemas essenciais exprimem-se sem serem dissimulados ou artificialmente resolvidos. Ela implica efetivamente em tensões, conflitos, que são necessários e construtivos, porque exprimem a realidade das relações sociais onde cada indivíduo e, conseqüentemente, cada empresa, não se identificam imediatamente com o conjunto da sociedade.

É através deste confronto entre produtores, consumidores e o cidadão, os conflitos entre a empresa e a sociedade, que o socialismo autogestionário pretende fazer evoluir uma maior organização da sociedade. A supressão dos conflitos não se decreta, mas constrói-se numa dinâmica de confronto que pode se resolver gradativamente.

O futuro da humanidade é incompatível com o modo de produção capitalista. O crescimento como finalidade da economia de mercado, isto é, o crescimento único dos bens de consumo rentáveis e a ideologia da obsessão do consumo, o consumo como facilidade, não somente não responde às aspirações dos seres

humanos, como não pode mais continuar sem conduzir o mundo a uma catástrofe.

A organização mundial atual do desenvolvimento repousa sobre o crescimento considerado como um fim em si. Imerso no movimento de concorrência internacional, o socialismo de autogestão não pode aceitar o produzir por produzir, a fim de manter os critérios de progresso e de bem-estar do mundo atual. Ele coloca em questão as formas deste progresso não somente em termos qualitativos (o transporte coletivo em relação ao transporte individual; o hospital antes do canal de TV), mas também quantitativos: que significa produzir mais, se isso implica em trabalhar mais e ter menos tempo para lazer? Qual o interesse de uma produção suplementar se, em vez de liberar, ela aliena mais o homem pelas novas taxas engendradas por esse tipo de produção?

V — A AUTOGESTÃO É POSSÍVEL E NECESSÁRIA.

O mito do especialista e o Mito da eficiência capitalista

1 — O Mito do Especialista:

As sociedades capitalistas industriais procuram justificar de múltiplas maneiras seu funcionamento fundado na exploração e na dominação. Em nome dessas justificações ideológicas, o mito do especialista tem uma função muito importante.

As estruturas hierárquicas de decisão ocultam-se através de uma pseudo-necessidade técnica. Sabemos que a hierarquia do poder está longe de coincidir com as de competência técnica. Podemos, por outra parte, constatar que certas técnicas adquiridas não são efetivamente utilizadas pelos que as possuem; sua posse serve apenas para justificação. Cita-se o exemplo de um contramestre que fazia de seu conhecimento do cálculo diferencial a justificação fundamental de seu direito de dirigir os operários, porque eles simplesmente ignoravam o que era o cálculo diferencial. Ora, esse contramestre jamais utilizou essa competência em cálculos. É evidente que numa perspectiva de autogestão do socialismo, os problemas de formação tomam um caráter determinante. A elevação geral do nível de formação técnica e política e a distribuição equilibrada das tarefas, constituem, definitivamente, uma das principais defesas contra a instituição de uma casta de burocratas ou de tecnocratas poderosos.

Mas falar de formação em tais termos supõem algumas explicações:

— A formação não é uma transmissão em sentido único daqueles que sabem para os que nada sabem. O formador, que é, em certos casos

um professor não é um instrumento divulgador de "verdades" que devam ser digeridas. Conceber a formação dessa maneira é fabricar manadas de carneiros. A autogestão que implica um grau crescente de responsabilidade, necessita também de uma verdadeira revolução pedagógica.

— A capacidade dos trabalhadores autogestionarem as empresas não implica que cada um se torne um especialista em todos os domínios. É entretanto claro que toda uma capacidade de criação, de inovação que estão recalcadas pelos esquemas de decisão hierárquica poderão se exprimir se as condições favorecerem.

Se os engenheiros, os organizadores e todos os "especialistas" em geral, têm um função indispensável na sociedade atual, sua verdadeira eficiência não pode ser senão na medida de sua capacidade em desenvolver e coordenar essa criatividade potencial.

2. O Mito da Eficiência Capitalista:

O capitalismo que se satisfaz mascarando suas taras fundamentais por trás das necessidades de toda a sociedade industrial desenvolvida, tenta justificar o que chamam "de defeitos inevitáveis" em face dos imperativos de eficiência e de gestão. Após a Revolução Industrial e até o I.º pós-guerra, a organização capitalista das empresas foi em face do capital e de seu crescimento, um modo de organização relativamente eficaz. Do ponto de vista dos trabalhadores a realidade era evidentemente bem diferente. A eficiência do capitalismo tornou-se um verdadeiro mito. De um estrito ponto de vista econômico Global ela se encontra cada vez mais contestada. A revolução científica trouxe importantes conseqüências a nível do processo de produção. Para se adaptar a essa nova realidade o patronato tem se valido de novas técnicas na vã esperança de integrar a contestação. Essas técnicas de gestão estão sempre ligadas à glória do capital: trata-se de descentralizar certas decisões à altura de departamento de empresa. Certos níveis de quadros são assim impelidos a jogar um papel mais ativo.

Esses métodos são paliativos e estão a serviço da lei do lucro visando a manter as estruturas de dominação e exploração.

O socialismo de autogestão, descentralizando ao máximo os centros de decisão, se torna o único capaz de controlar verdadeiramente a globalidade dos processos econômicos e sociais. Somente uma concepção autogestionária do socialismo constitui alternativa real para o capitalismo atual.

Continua no próximo número

letores, ao tempo em que renova seu convite a todos os interessados sobre o assunto que enviem seus trabalhos para publicação.

AUTOGESTÃO - III

"DEMOCRACIA RELATIVA" (Foto de Renato Almeida)



**O BOBO
DA CORTE
CHORA**